

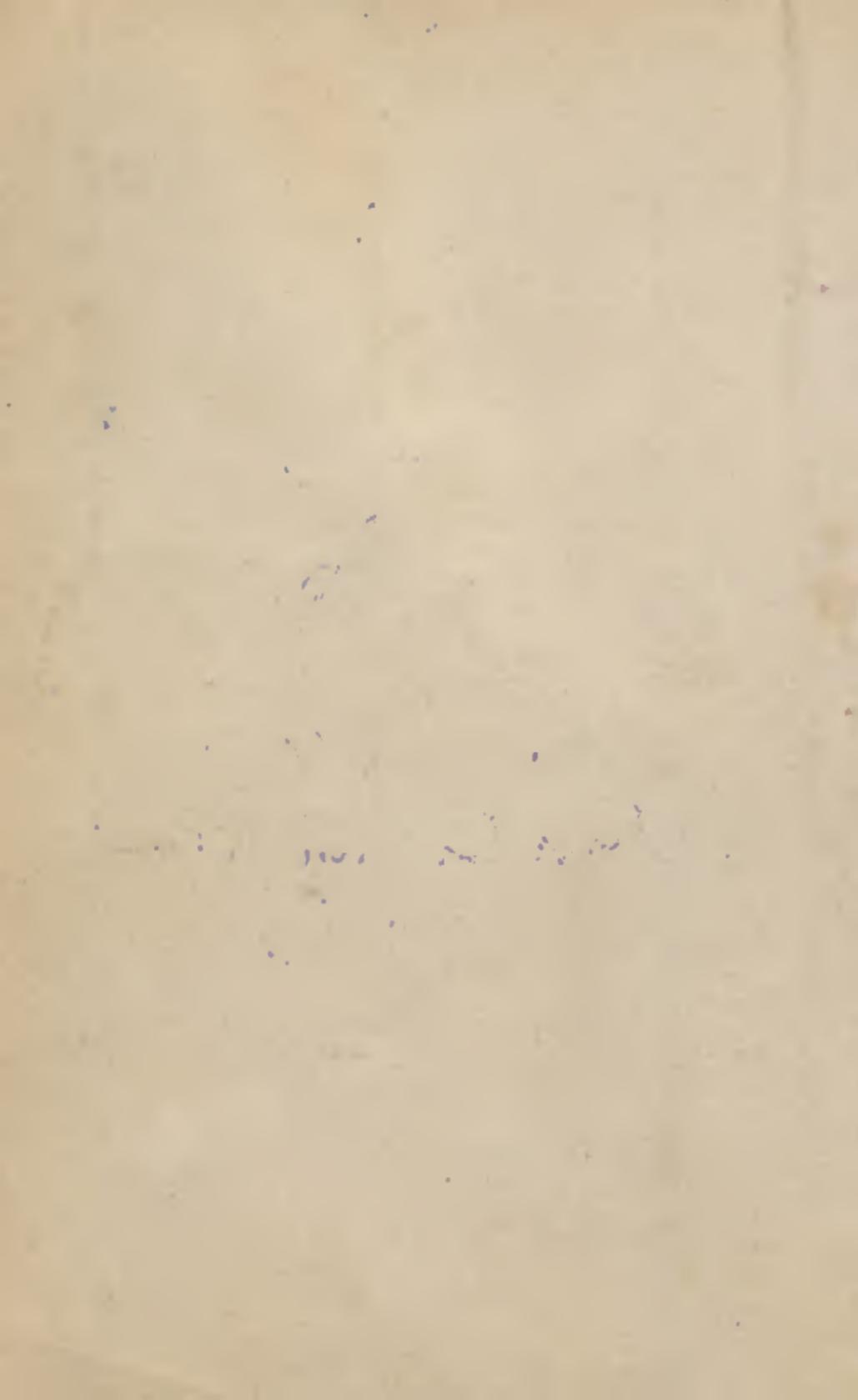


Oferece a Câmara
Municipal de

Barcelos.

30 de julho de 1953 -

João Patrício Mendes



31. VII. 1953

A. M. DO AMARAL RIBEIRO

NOTICIA DESCRIPTIVA
DA
MUITO NOBRE E ANTIGA VILLA
DE
BARCELLOS

2.º EDICÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
N.º 6357

BARCELLOS

EDITOR—E. R. DE SÁ-VIANNA

1867



6353

31. VII. 1953

1.^o Estevão a
Camara de
Barcellos :

AO LEITOR

QUANDO sahida á luz a 1.^a edicção d'este tomosinho expondo aos leitores quaes os motivos que moveram nosso animo, a empenhar-mo-nos com o illustre Auctor da *Noticia Descrptiva de Barcellos*, para que elle consentisse tirarmol-a do *Jornal do Povo*, publicando-a em volume sobre si, auguramos á nossa empresa um bom resultado.—

Hoje que damos á estampa a 2.^a edicção, que accrescentar ao que então disse-mos a não ser que se realisou o que antojavamos.

Em menos de seis mezes, o que não é vulgar, quasi se esgotou a 1.^a edicção da *Noticia Descritiva* e tanto que se tornou necessaria para satisfazer alguns pedidos de nossos irmãos d'alem-mar, uma nova.

E' a presente. Quanto em nós cabia esforçamo-nos pela melhorar, no que muito nos serviu a boa vontade de seu illustre auctor, o qual accedendo os nossos rogos, não só corregiu mas ainda accrescentou em muito a sua bem vinda e festejada producção.

Obrando assim não miramos a mais do que a mostrar ao publico, que gratos somos ao bom acolhimento que elle fez a 1.^a edicção, e que certos estamos fará a esta.

O E L I C T O R



DUAS PALAVRAS D'INTRODUCCÃO

(DA 1.^a EDICÇÃO)

POR muito tempo esperou Barcellos quem condignamente lhe historiasse o passado e o presente, e por muito mais o esperaria ainda, se um filho seu, e dos mais dedicados, não ousasse tomar sobre si o arrojado commettimento de pagar divida, de tão longe demandada, dando-nos do *ninho seu paterno* uma *Noticia*, que modestamente chamou *Descriptiva*.

E' sobre esta, de primeiro sahida no *Jornal de Porto*, e agora compendiada no presente tomosinho, que hemos a dizer algumas palavras.

Arrojado commettimento !.. fica acima escripto, e foi-o, não nos pejam os de o repetir, que na falta e quasi total ausencia de recursos e elementos de que lançar mão, houve o illustre Auctor da *Noticia Descriptiva* de lilar, senão tudõ, pouco menos que isso, do seu trabalho, investigações e fadigas.

Onde colhido esse quasi nada, que sobre Barcellos achou estampado, dil-o-nol-o elle mesmo logo no começo :

«Servir-nos-hão de guia, no que passamos a dizer acerca de Barcellos, a «*Corographia Portugueza*» do erudito *Padre Antonio Carvalho da Costa*, e o «*Tractado Panegyrico*» em louvor da mesma Villa, composto por *Fr. Pedro de Poyares.*»

Ainda aqui achamos em flagrante a modestia do nosso Auctor = pois que nos aponta como guia, o que só escassissimos subsidios lhe forneceu.

O *Padrê Carvalho* na sua, aliás interessante e compendiosa, «*Corographia*,» falla de Barcellos muito de fugida, e nem isto é para estranhar attenta a indole da sua obra.

Frei Pedro de Poyares, no *Tratado panegyrico em louvor da villa de Barcellos, por rezam do apparecimento de Cruzes que n'ella apparecem*—como do proprio titulo do seu escripto se póde colligir, ponceo diz que não tenha referencia áquelle apregoado milagre, sendo n'esse pouco mesmo guia menos seguro.

Assim mais para sentimento que para graças, é que o sabio Auctor da *Noticia Descritiva*, d'este aproveitasse alguma cousa, ainda que quasi nada, afóra o que respeita ao milagre das Cruzes, pois que esse, como dissemos, é ahi tratado e historiado *ex professo*.

E com dizer isto não nos insurgimos nós de leve, e inconsideradamente, contra a memoria do bom do *Frei Pedro*, não, que

referindo-nos só ao que d'elle tomou o nosso Auctor, teremos de fazer ahí duas necessarias rectificações.

Disse Frei Pedro, e dil-o a *Noticia Descritiva*, a pag. 11—que entre os vâres illustres cujo berço foi Barcellos figuram, entre outros, *Gil Vicente*, *D. Fr. Thomé de Faria*, Bispo de Targa, e *Gaspar Pinto Correia*.

Ora sem nos demorarmos mnito com mostrar, que ainda até hoje não está definitivamente fixada qual a patria de Gil Vicente, sendo que alguns o dão de Barcellos, outros de Guimarães e o maior numero de Lisboa (*), diremos que fóra de toda a duvida é que *Frei Thomé de Faria*

(*) Houve até quem lhe dêsse por patria a villa da Pederneira, tirando tal opinião do lugar das suas obras onde, corre, retratando-se Gil Vicente a si mesmo diz:

Creio que da Pederneira
Neto de um tamborileiro

Bispo de Targa, auctor de uma estimada traducção Latina dos *Lusiadas*, nasceu em Lisboa, onde tambem morreu a 26 d'Outubro de 1628 ; — e igualmente é fóra de questão que *Gaspar Pinto Corrêa*, que deixou apreciaveis obras em latim, nasceu no lugar do Garajal, bispado de Lamego, morrendo sim Conego em Barcellos a 25 de Março de 1664.

Não vai n'esta rectificação, nem a mais leve sombra de censura para o illustre Auctor da *Noticia Descritiva*, nem o mais intuito de roubar a Barcellos glorias e illustrações, com que elle nada lucraria, por não serem suas.

Mas ainda assim se estas lhe tiramos, por

.....
.....
E quer-se o demo metter,
O tecelão das aranhas,
A trovar e escrever
As portuguezas façanhas,
Que só Deus sabe entender !

indevidas, não nos dôa o coração pelas não substituir por outras, que mais gloria lhe deem ainda e que omittiu a *Noticia Descriptiva*.

São = entre os antigos — *Antonio de Villas-bóas Sampaio*, auctor da «*Nobiliarquia Portugueza, do Auto da Lavradeira d'Ayró*» e d'outras obras, o qual, apesar de na opinião d'alguns haver nascido na quinta de Fareja, termo de Guimarães, segundo o maior numero, nasceu no de Barcellos a 27 d'Agosto de 1629—onde morreu a 26 de Novembro de 1701; e o mesmo *Frei Pedro de Poyares*, nascido tambem no termo de Barcellos, e que mais estimado e illustre se tornou pela publicação d'um excellente «*Diccionario Lusitano Latino,*» que pelo «*Panegyrico da Villa de Barcellos.*»

Entre os modernos, apontaremos um illustre filho de Barcellos, do qual não achei ainda aqui quem me desse relação.

É o sr. Henrique Ernesto d'Almeida

Coutinho—filho do José d'Almeida Coutinho e de D. Anna Rita d'Almeida, o qual viu á luz do dia em Barcellos aos 15 de Julho de 1788—e ainda em 1859 vivia no Porto, se bem que na mais afflictiva indigencia.

Pois foi elle um bom, um excellento poeta, e um delicado e finissimo critico nas artes de desenho e pintura.

Entre as obras que estampou, e das quaes possuímos exemplares, avultam uma traducção do *Cerco de Corintho*, poemã de Lord Byron—*O Monge e o Convertido*, poema, e a *Saudade*, canto elogiaco.

Entre as producções de menor folego e momento figura o *Ultimo Adeus á terra Natalicia*—que começa:

O' Barcellos! Villa amavel,
Que de rosas preparaste
O berço onde a infancia minha
Com tanto amor affagaste!

E sobre isto não nos resta mais, que

prever, se n'isto não vai já uma certesa firmada em factos, um auspicioso acolhimento para a *Noticia Descritiva de Barcellos*, acolhimento de que nos é seguro penhor o quão festejada ella foi quando sahida no *Jornal do Povo*.

5 de Novembro de 1866.

R. V.



MAIS DUAS PALAVRAS

(SOBRE A PRESENTE EDICÇÃO)

O que previramos, sem que n'isso nos fosse gloria de propheta, succedeu. Apenas vinda a lume, esgotou-se a 1.^a edicção da *Noticia Descritiva*, e eil-a de novo agora, 'passados poucos mezes, correndo de necessidade o mundo em 2.^a edicção.

Com isto, se zoilos teve a *Noticia Descritiva*, ficam elles respondidos, e a Deus praza que calados, para honra sua propria,

applauso dos que leem, e descanso e socego dos nervos dos que estimamos ainda em algo a tão formosa lingua portugueza e o bom senso.

Quanto os Aristarchos são uteis, e indispensaveis até, na republica das letras, como reguladores e arbitros do bom gosto, tanto os zoilos são perniciosos e despreziveis, e isto mais pelo engulho do que pelos males que causam.

Na 1.^o edição—feita de corrida, como de corrida e aos pedaços fôra escripta para o *Jornal do Povo*, sahio a *Noticia Descritiva* menos galharda do que lh'o pedia e requeria seu merito. Não poucos erros typographicos, falta de adequada divisão nos capitulos, descurada impressão — estes e outros defeitos afeiavam a *Noticia* e faziam desejada uma nova edição em que elles desaparecessem.

A conseguil-o não se pouparam esforços nem por parte do auctor, nem por parte do edictor. Este, quanto possivel com

os pequenos recursos que para tal appro-
porciona Barcellos, deu-nos uma edicção
nitida e elegante, aquelle poz todo o seu
cuidado em limar, castigar e aperfeiçoar,
o quanto cabia no pouco tempo que pa-
ra tal ultimamente lhe foi dado, a sua
obra.

As largas enchansas que tambem da-
das foram à *Noticia*, augmentando-lhe o
tomo, dobraram-lhe, pelo bem escolhido
e appropriado, o merecimento.

Dito sobre esta nova edicção, não o
muito que ella pedia, mas o bastante para
fazer nascer justos desejos de cada um a
apreciar por si, consinta-se-nos, que d'en-
tre os não mencionados na *Noticia*, lance-
mos aqui o nome de alguns dos filhos de
Barcellos e seu termo, que mais illustra-
ram seu berço. Não são elles dos alguns
de que resa Frei Pedro de Poyares, nem
dos muitos que illustres por sua santidade,
letras e valor traz em suas paginas a *No-
biliarquia* de Villas-boas, rasão porque

pensamos não será dos leitores engeitada a offerta.

Eil-os :

—Berehior da Graça, geral dos Loyos, fallecido em 1646—Deixou varios manuscritos, e entre elles *Consultas moraes e canonicas*.

—Frei Diogo de S. Miguel, carmelita descalço, fallecido em 1664—Deixou alguns manuscritos, e entre esses o—*Tra-tado breve de todos os reis e senhores de Portugal e Hespanha*.

—D. João da Silva Ferreira, conego da Sé de Braga, Deão da Capella Real de Villa Viçosa, e Bispo de Tanger. Escreveu —*Allegações juridicas em favor do Cabido de Braga*, impressas em Coimbra em 1728 —e varios opuseculos não publicados.

—Fr. Francisco do Salvador, franciscano, fallecido em 1710. Deixou manuscrita a—*Memória do Convento de Santa Izabel de Guimarães*.

—Francisco de Sousa da Silva Alcoforado, nascido na quinta da Silva, a 25 de Outubro de 1697 e fallecido em Janeiro de 1772. Publicou—*Vida de soror Ignez de Jesus*, Lisboa, 1731—*Vida e morte de Maria Stuart*, Lisboa, 1737—*Manual politico*, Lisboa, 1733—e deixou impressas e manuscriptas muitas outras obras.

—Padre Francisco Velho, jesuita, fallecido em 1667. Deixou manuscripta a—*Vida de S. Olympio*, *Catalogo dos Arcebispos de Braga*, e outras obras.

—Frei Francisco da Veiga, franciscano, deixou manuscriptas a *Purificação da vida do Evangelho*, *Fructos do sangue de Christo e sermões*.

—D. Joaquim da Encarnação, conego regente de Santo Agostinho em Santa Cruz de Coimbra, filho de José d'Azevedo Vieira, cavalheiro de Christo, e irmão do erudito Padre Manuel d'Azevedo, jesuita, além de varias obras manuscriptas, publicou—*Catholicismo historico e douctrinal*, Coimbra

1737—o 1.º tomo, ficando os dois restantes por imprimir, *Advertencia aos Confessores*, Coimbra 1760, *Vida do admiravel S. Theotonio*, Coimbra 1764.

—Manuel Antonio Lobato de Castro, fallecido em 1721. Publicou—*Vilhancilhos de Santa Cezilia*, Coimbra 1712—*Metrica descipcion de la entrada de D. Thomaz de Almeida*.

—Frei Manuel de S. Bernardes, franciscano, Manuel Ribeiro da Silva, Thomaz Pereira, jesuita, dos quaes todos ficaram obras manuscriptas.

Barcellos, 13 de Julho
de 1867.

R. V.



NOTICIA DESCRIPTIVA

DA

MUITO NOBRE E ANTIGA VILLA

DE

BARCELLOS.

Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.

CANÕES, C. 1.º EST. X.

I.

Etymologia do nome « Barcellos », antiguidade d'esta Villa, suas Armas, situação topographica, população e caracter de seus habitantes, e grandeza de seu antigo e actual Termo.

E' a Villa de *Barcellos* uma das mais antigas povoações deste Reino, occultando-se a sua origem, e fundação na noite dos tempos.

Servir-nos-hão de guia, no que passamos a dizer ácerca d'ella, a *Corographia Portugueza* do erudito *Padre Antonio Carvalho da Costa*, e o *Tractado Panegyrico* em louvor da mesma Villa, composto por *Fr. Pedro de Poyares*.

Levado da semelhança do nome de *Barcellos* com o de *Barcellona*, cidade de Hespanha, e capital da Catalunha, da-lhe *Rodrigo Mendes da Silva* dois mil e noventa e seis annos de existencia, por attribuir sua origem aos *Barcinos*, familia poderosa de *Cartago*, e cujo chefe *Amilcar Barca* fundou *Barcellona* 230 annos antes da era christã.

Diz *Felix Machado*, que antigamente se chamára *Barracellos*, derivando este nome (corrupto hoje em *Barcellos*) de *Barra Celi*, isto é *Barra* do rio *Celano*, que lhe banha os muros.

Fr. Gregorio Argaiiz na sua povoação ecclesiastica de Hespanha fl. 189,

diz Barcellos fundada por soldados Romanos, que lhe derão o nome de *Barcellis*, cidade da Lombardia.

Outros, dando diversa etymologia a Barcellos, dizem, que antes de haver no Cavado a formosa ponte de pedra, que n'elle existe, dava ali passagem uma embarcação, a que chamavão *Barca Celi*, e d'esses dois nomes reunidos, se formára o de Barcellos.

A opinião mais provavel, diz o erudito padre *Carvalho da Costa*, é que esta Villa foi antigamente cidade Episcopal, chamada *Aguas Celenas*, do rio *Celano*, chamado hoje *Cavado*; nome, que lhe davão os Mouros, quando dominarão Hespanha, pelos annos de 713, chamando-a cidade de *Barcellenos*, hoje corrupto em Barcellos.

O mesmo citado *Argaiz*, explicando a chronica de Hauberto, monge de S. Bento, tambem diz, que Barcellos foi cidade Episcopal no tempo dos Romanos,

sendo no anno de 363 seu bispo *Eusebio*; e que no anno de 424 residirão em Vianna *Maximiano*, bispo de Barcellos, e Valentim, bispo de Tuy, allí refugiados por causa da guerra dos Suevos.

Todas estas diversas opiniões confirmão a remota antiguidade desta notavel e nobre Villa, cuja origem, e fundação se perdem na noite dos tempos.

Foi Barcellos cercado de muros com duas altas torres (uma das quaes ainda existe, e serve de cadeia publica!) que mandou fazer o 1.º Duque de Bragança D. Affonso, assistindo a essa obra Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo honrado de Galliza: tinha 4 portas, a da *Torre da Ponte*, a da *Porta Nova*, a do *Valle*, e a da *Fonte de Baixo*, que ainda existe, e tres postigos, o da *Feira*, o das *Vigandeiras*, e o dos *Pelames* (será o que ainda existe na rua do *Loureiro*?).

Deu foral á Villa El-Rei D. Affonso Henriques, sendo-lhe depois reformado

por El-Rei D. Manoel. Gozava de voto em cortes, tendo os seus procuradores assento no banco 14.º.

Tem a Villa por armas em um escudo uma ponte, torre, e ermida com um carvalho á porta, e por cima em faixa tres escudos pequenos, dois com as Quinas do Reino, e o do meio com uma aspa divisa de D. Affonso, 1.º Duque de Bragança, que lh'as deu, e ainda hoje se vêem na torre da casa da Camara.

Foi cabeça de Condado, o primeiro de Portugal, cujo titulo deu El-Rei D. Diniz a D. João Affonso de Menezes, seu Mordomo-mór.

O 2.º Conde de Barcellos foi D. Martim Gil de Souza; o 3.º D. Pedro, filho bastardo d'El-Rei D. Diniz; o 4.º D. Martim Affonso; o 5.º D. João Affonso Tello de Menezes; 6.º D. Affonso Tello; o 7.º D. João Affonso Tello de Menezes, irmão da rainha D. Leonor; o 8.º o grande D. Nuno Alvares Pereira; o 9.º seu

genro D. Affonso, 1.º Duque de Bragança, e continuando o titulo de Conde de Barcellos na Casa de Bragança, até o tempo d'El-Rei D. Sebastião, foi por elle elevado a Ducado, e o concedeu ao primogenito da mesma Serenissima Casa, sendo o primeiro Duque de Barcellos D. João, filho de D. Theodozio, 1.º do nome, Duque de Bragança.

Com a elevação da Casa de Bragança em 1640 ao Throno legitimo, ficou o titulo de Duque de Barcellos privativo do Soberano destes Reinos.

Acha-se a Villa de Barcellos assente na margem direita do rio Cavado, distante da sua foz, que lhe fica a Oeste, 10 kilometros; de Braga, capital do Minho, e que demora a Leste, 13; do Porto ao Sul 40; de Ponte do Lima a Nordeste 23, e de Vianna do Castello ao Norte outros 23.

A sua posição topographica é bella, e aprazível; os arrabaldés deliciosos e

pitorescos ; o ar puro, e saudavel, o sólo uberrimo, e as aguas excellentes, sobresahindo a todas na leveza a da fonte de *Ninães* em *Barcellinhos*. E' povoação farta de todos os generos necessarios á vida, em razão do grande mercado, que semanalmente nella se faz ás quintas-feiras, talvez o mais importante de todo o Reino por concorrerem a elle para cima de dez mil pessoas.

O commercio permanente é escasso, e limitado, constando apenas de 8 ou 9 lojas de fazendas, bastantes de mercearia, havendo em compensação immensas tabernas, não tanto para consumo da terra, como mais especialmente da gente de fóra, que afflue á feira.

Não ha em *Barcellos* industria alguma, quando pela sua posição geographica, e por outras circumstancias vantajosas, podia, senão exceder, pelo menos egualar outras terras menos favorecidas da natureza, nas quaes se explorão va-

rias industrias artisticas, e fabris, que fornecendo a seus habitantes trabalho honesto, e lucrativo, dão importancia ao paiz, aperfeiçoão as artes, desenvolvem o commercio, e fomentão os bons costumes, banindo a ociosidade, que é a origem de todos os vicios.

A sua população excede a 5:000 habitantes: os seus naturaes tem caracter lhano, hospitaleiro, serviçal, e affavel; são ousados, e destemidos nos perigos, nimiamente religiosos, e fieis a seus legitimos Soberanos; e se alguma vez têm sido mareadas estas nobres qualidades dos naturaes de Barcellos, provém do contacto, em que se achão com ádvencios de *depravados costumes*, que entre elles têm estabelecido rezidencia.

Se uma má ovelha deita a perder um rebanho, que males não causarão tantas, e tantas?

Foi o termo de Barcellos o mais dilatado de todo o Reino, não tendo havi-

do outro, que o egualasse na população, em prova do que diz *Manuel de Gallegos* no seu poema o seguinte :

«Só em Barcellos houve alardo um dia,
«Eyi que o Sol pelos campos dilatados
«Com terrivel e fera gallardia,
«Dezasete mil peitos viu armados.

Constava de cinco Julgados, que erão *Faria, Vermoim, Penafiel, Aguiar, e Neiva*. Com a nova divisão judicial está mui resumido, constando apenas de 96 freguezias, o que se muito prejudicou os interesses, e importancia da Villa, foi uma medida justissima, e necessaria á commodidade dos povos, muitos dos quaes residindo 7 e 8 leguas distantes della, tinham de abandonar suas casas, e lavou-
ras, ás vezes dias, para requererem seu direito, ou darem um depoimento como testemunhas.

Para que se ajuize da importancia, que ainda tem este concelho, em seguida publicamos um mappa, no qual mencionamos o nome, orago, numero de fogos, e população das respectivas Freguezias, situação das mesmas e congrua de seus Parochos, &c.



II.

Homens notaveis oriundos de Barcellos. Cabido da Collegiada. e descripção d'esta, Palacio dos Duques de Bragança, Paços do Concelho, paredão, e passeio das Obras no Campo da Feira, antigas praças do mercado, e nova Praça do mercado.

E' Barcellos berço de varios homens illustres, quer nas letras, quer nas armas, taes como *Gil Vicente, D. Godinho, Arcebispo de Braga, D. Rodrigo Pinheiro, Bispo do Porto, Gaspar Pinto Correa, D. Fr. Thomé de Faria, Bispo de Angra, o Dr. Belchior do Rego d'An-*

drade, e outros d'entre os antigos; o valente capitão d'infanteria n.º 3 *Antonio Barrozo Pereira de Carvalho*, morto em combate no cerco do Porto, o actual *Bispo de Leiria*, o *Barão de Grimancellos*, o *Visconde de Leiria*, e outros entre os modernos.

Tem a Villa uma só parochia, cuja matriz é Collegiada, com o titulo de real, e insigne, sendo o seu orago SANTA MARIA MAIOR. Houve n'outro tempo as dignidades seguintes: Prior, que colava os Conegos, e provia os Beneficios de massa, com 300\$ reis de renda; Chantre com 80\$ reis, Mestre escola com 280\$ rs., Thesoureiro-mór com 400\$ reis, Arcipreste com 150\$ reis; duas Conezias inteiras com 150\$ reis cada uma, e 6 Terceñarias a 50\$ reis, tudo data da Casa de Bragança, e as Dignidades do confirmação Archiepiscopal.

Hoje ha apenas Prior, Chantre, seis Conegos, um Sachristão mestre de cere-

monias, com a renda cada um de cento e cincoenta mil réis pouco mais, ou menos, e dois Tercenarios ou Coreiros: tanto as dignidades, como os Conegos, são de nomeação Regia, e colados pelo Arcebispo de Braga. Até 1848 era a murça o unico distinctivo dos Conegos e dignidades, depois dessa epoca usão tambem de meias, e fxa de côr carmesim.

A matriz foi fundada por D. Fernando 1.º, Duque de Bragança, e elevada a Collegiada foi confirmada pelo Papa Paulo 2.º em 1474.

E' um vasto templo de tres naves, actualmente muito deteriorado por falta de reparos indispensaveis para obviar uma ruina certa; tem seis altares tres de cada lado, e cinco capellas inclusivè a mór, cuja abobada é de pedra, sobressahindo a todas na architectura, na riqueza, e sumptuoso aceio a do SS. Sacramento, concluida não ha talvez 50 annos, concorrendo sobre tudo para o brilhante

estado, em que ella se acha, a optima, e inexcédível administração de seus zelosos, e probos mesarios, ao passo, que outras irmandades egualmente ricas, e poderosas se achão desacreditadas, pobres, e decadentes pelas pessimas administrações, que teem...

Sobranceiro á Ponte existiu o Palacio, (cujas paredes em ruína ainda se vêem, e forão derrocadas pelo terremoto do 1.º de Novembro de 1755), mandado edificar pelo Duque de Bragança D. Afonso para sua residencia, sob a direcção do já mencionado Tristão Gomes Pinheiro. Havia communicação do Palacio para a Collegiada por um passadiço, que já não existe, mas cujos vestigios ainda se vêem, nas pedras, que lhe servião de pegamento e apoio, embutidas na parede exterior da torre dos sinos, do lado do sul fronteiro ao Palacio, e na pequena porta, que na mesma linha, e lado se vê ainda.

Fazendo frente á rua chamada da

Igreja, a qual segue á porta principal da Collegiada, e formando angulo com a do *Terreiro*, ha um grande edificio de feia, e irregular architectura, todo de cantaria grosseira denegrida por quatro seculos, a que tem resistido, tendo duas altas torres quadrangulares de 3 andares e algumas janellas em ogiva, o qual é coevo com o derrocado Palacio dos Duques de Bragança, por ter sido construido para residencia propria pelo já mencionado *Tristão Gomes Pinheiro*: é o solar da nobre familia dos *Pinheiros*, seus descendentes.

O edificio publico mais notavel, e magestoso, que ha em Barcellos, é, sem duvida, o Paço do Concelho, talvez o melhor de todo o Reino entre os de idêntica serventia. Tem bella e elegante architectura, muita solidez, e accio, é amplo e bello, ainda que interiormente mal dividido: consta de dois pavimentos, um ao rez do chão, e outro superior com 13

janellas rasgadas na frente. A sua perspectiva produziria maior effeito, se não fôra o acanhamento da pequena praça, que medêa entre ellê e a Collegiada, cuja porta lateral lhe fica quasi em frente.

Logo á entrada, no pavimento inferior; e do lado esquerdo existe alojada em um vasto salão, como n'um armazem, a Administração do Concelho; do lado direito fica a Repartição da Fazenda.

No pavimento superior existem o Tribunal de Justiça, o magnifico salão das sessões da Camara Municipal, a Secretaria, e o archivo da mesma Camara.

Do antigo Paço do Concelho, e da igreja da Misericordia, que para esse fim foi demolida, se erigiu em 1849 este soberbo, e magestoso edificio, ao qual ficou tambem pertencendo o antigo hospital, e seguindo com a mesma architectura, que anteriormente tinha, pelo lado Leste da rua da Misericordia, vai fazer frente á pequena praça, a que o *Padre Carvalho*

da Costa chama *Poyo*, talvez por ella se acharem os fornos publicos, e a que modernamente chamão *Apoio*, não sabemos com que fundamento.

Esta ultima parte do edificio, que outr'ora foi hospital communica interiormente com o Tribunal de Justiça, e, tendo entrada privativa pela rua da Misericordia, serve d'alojamento á estação Telegraphica, e de quartel para pouca tropa.

Além da entrada principal na frente do edificio, ha uma outra para a Secretaria, e archivo, a qual além de acanhada é indecente, por ter no saguão um urinol de pedra embulido na parede, já bastante deteriorada pelo ammoníaco das urinas, cujo nauseante cheiro custa a suportar!

Ha ainda outra obra publica igualmente bella, magnifica e custosa: é a que serve de adorno, e remate ao lado Sul do campo, que outr'ora se chamou do *Salvador*, segundo *Fr. Pedro de Poyares*,

as janellas ra
e hoje chamão da *Feira*: nella rivalisa a elegancia com o bom gosto, e solidez.

E' um formoso paredão de fina cantaria mui extenso, com passeio todo lagueado de pedra; tem commodos assentos com aberturas feitas no mesmo paredão á feição de elegantes janellas de peitoril; por cima é adornado com lindas piramides em fórmula de grandes vasos, collocadas simetricamente nos intervallos dos assentos: no centro ha, como dividindo o paredão em dois lanços, uma magestosa, e suave escada tendo aos lados altos obeliscos, e no centro de cada um dos lanços, ha um formoso e elegante chafariz. E' uma obra prima, e que devia ter custado muito conto de réis; é um aprazivel passeio, nada porém frequentado pelas scenas immoraes, que de noite ahi se dão, e pelas immundicies, que ahi se veem constantemente, tudo em desabono da policia municipal, e civil.

A pequena praça do *Apoio*, e um pequeno, e sujo alpendre, que lhe ficava fronteiro, encostado a umas casas do lado opposto ao hospital, servirão até 1827 pouco mais ou menos, de mercado publico de hortaliças, frutas, e aves: o acanhamento de lugar tão pouco azado, e o mesquinho, ou quasi nullo abrigo, que offerecia o alpendre nos dias chuvosos, resolverão a Camara de então a removello d'ahi para um novo alpendre expressamente mandado levantar para esse fim na *Nogueira de Baixo* junto á chamada rua do *Poço*; o que ganhou no abrigo, perdeu no isolamento, e impropriedade do local. Sendo demolido esse alpendre, talvez por causa do traçado da estrada-rua, que por ahi segue, passou o mercado a ser feito no largo fronteiro á rua da *Calçada*, subsistindo mais que nunca o grande inconveniente de um desabrigo completo.

O mercado do peixe era em uma ele-

gante praça em arcaria, coberta, e fechada com grossos balaustres de madeira, situada em frente à cadêa, e correndo parallella com a *Calçada*; sendo porém demolida, ha pouco, para dar passagem à estrada á *Mac Adam*, que abi passa, era de urgentissima necessidade a construcção de um edificio, que tendo as condições precisas, reunisse os dois mercados.

A Camara actual compenetrada de seus deveres, e convicta de uma necessidade tão urgente, e tão reclamada pelo commodo da população, aceio, e boa policia, mettendo hombros á empresa, remediou-a com o mais louvavel zelo, mandando construir uma bonita e espaçosa praça de mercado, denominada — *Praça de D. Pedro V* —, na rua da *Nogueira de Cima*, com frente á mesma, e fundos á *Capella de S. José*.

E' um grande parallelogrammo, com 80 metros de comprimento, e 40 de largura, cujos lados da frente e fundo, em

tudo eguaes, são adornados por grossas grades de ferro, divididas por pilastras de cantaria, e descansão em um para-peito de metro e meio de altura, tendo no centro um largo portão com grades de ferro: dentro corre, de cada lado, da frente ao fundo um espaçoso alpendre, que se projecta dividir em pequenos quartos ou cellulas.

O perímetro da Praça é aformoseado por âlas de arvores exolicas, como Tílias, Magnolias, Platanos, etc., collocadas simetricamente, e no centro por um pequeno, mas elegante chafariz em fôrma de piramide, de cujo vertice manando a agua, é recebida no bôjo com fôrma de laça, e d'ahi cahe por 4 bicas no tanque, que tem a figura de cruz.

Tanto a planta, como o desenho deste importante edificio são do Sr. *João Pedro da Silva e Costa*, habil engenheiro civil, e ex-conductor dos trabalhos na estrada, que desta Villa segue a Espozende.

Tem despendido o municipio na construcção da praça, inclusivè o encanamento da agua para o chafariz; até 30 de Março de 1867 a quantia de R.^o 4:940\$845, e com a expropriação do terreno, e casas contiguas 1:075\$000, o que tudo prefaz a somma de 6:015\$845 rs.

Com quanto não esteja de todo concluida, tem linda apparencia, está bem localisada, e já ahi se faz o mercado diario.



III.

Cadêa publica, chafarizes e fontes, praças, rocios e campos.

O CONTRASTE dos poucos edificios publicos, que ha em Barcellos, e cuja descripção temos feito, é o da cadêa publica. É uma alta torre quadrangular de 3 andares, coroada de pequenas amêas, que lhe encobrem o telhado: por qualquer arrabalde, que se entre na Villa dá logo nos olhos aquella móle immensa de pedra denegrída, que se podesse ser lavada e amolecida pelas copiosas lagrimas, que a fome, a miseria, e doenças, occasionadas pela falta de ár e luz, tem

feito derramar aos infelizes ahí encerrados, seria mais alva, que a neve, e mais molle, que a cera! E' mais uma jaula de feras do que uma vivenda de racionais, embora criminosos. Não tem segurança, não tem commodos, não tem condição alguma hygienica, nem moral. O que tem de notavel unicamente, além do seu aspecto tetrico, e pavoroso, é a impropriedade do fim, que tem, e o ser coeva com o Palacio dos Duques de Bragança por ter sido edificada essa Torre, como já dissemos, por ordem do Duque D. Affonso e direcção de *Tristão Gomes Pinheiro*.

Seria o fim primitivo para que foi edificada o mesmo que hoje tem, ou seria como o da outra, que já não existe para servir de castello de defeza?

Pelas nenhuma accommodações, que tem para ser uma prisão; por prender nella a muralha, que cercava a Villa, e mais que tudo pela escada exterior, feita

em zigue-zague de cantaria fina, e que colloca a entrada no 2.º andar da Torre, o que denota ser obra muito mais moderna, é de crêr, que o fim primitivo foi o da defeza, e só muito posteriormente serviu de prisão.

Apartemos a vista dessa lobrega, e medonha masmorra, que é um solemne protesto contra a civilisação actual, e prosigamos nõ mais que ha de notavel em Barcellos.

Segundo diz o Padre *Carvalho da Costa* na sua *Corographia* publicada em 1706, tinha Barcellos nessa epoca apenas um chafariz na praça fronteira ao Paço do Concelho, outro na do *Poyo* hoje *Apoio*, um tanque com 3 bicas na rua das Velhas, e fora dos muros a Fonte de Baixo com 3 bicas, e um tanque com duas de excellente agua, e um chafariz com duas taças no meio do Campo da Feira de frente da Ermida do Bom Jesus. Esqueceu-lhe mencionar o tanque de

Santa Monica, fronteiro á Ponte e encostado ao alicerce do Palacio dos Duques de Bragança; por quanto sendo alimentado com a agua, que sobrava do chafariz da Praça, foi ainda ha poucos annos demolido, e já existia em 1706, por ser sem duvida coevo com o dito Palacio.

Hoje tem Barcellos com algumas modificações os mesmos tanques e chafarizes, que nesse tempo tinha, e alguns mais; são:

O chafariz da Praça, o do Apoio, um tanque com uma bica na rua das Velhas, e fóra dos muros a Fonte de Baixo com duas bicas, a fonte e tanque das Fontainhas; o chafariz das Obras com uma bica, e um grande tanque no reverso, que recebe a agua, que delle cahe; outro sem agua no outro lanço das Obras fronteiro ao Campo da Feira; o chafariz com duas taças collocado no meio do mesmo Campo, o da praça do mercado de que já fallamos, e uma fonte com uma bica e tanque no

Campo dos Touros, aberta no muro da cerca do extinto convento das Freiras.

Tem tambem uma fonte de uma bica, e grande tanque, quasi sempre sem agua, no pequeno largo adjacente ás ruas das Flóres, e Loureiro, e quasi fronteando com esta.

A' excepção da Fonte de Baixo, da da rua das Velhas, e das Fontainhas, todos os outros são fornecidos pelo aqueducto, cujos poços ou fontes existem em St.^a Maria do Abbade, distante da Villa pouco mais de dous kilometros.

Na estação calmosa, são essas tres fontes com as de Barcellinhos, que sobministrão a agua precisa á Villa, por ser escassa a do aqueducto, em razão de ter sido distrahida, e roubada, sem que tal desperdicio, ou usurpação punivel, tenha despertado a attenção e sollicitude das Camaras Municipaes!

Se nessa epoca houver infelizmente um incendio, como debellal-o, se a agua

é tão escassa, e se, apesar do Cavado banhar os muros da Villa, não ha um unico caminho, a não ser por despinhadeiros e precipicios, por onde se possa conduzir a agua precisa?

Bem mereceria do municipio a Camara, que dotasse a Villa com um caminho ou rua de facil accesso ao Cavado, não só para o indicado fim; como para que o povo possa gozar das suas apraziveis margens.

E para que outro fim, senão para esse, foi edificada a magestosa, e linda escada com obeliscos, que existe no centro do formoso paredão, chamado as *Obras*, e cuja descripção já fizemos? A posição, em que se acha, a direcção, que tem uma linha recta, que della se tira, não mostram até a evidencia, que havia o plano de se abrir uma estrada, ou rua, que fosse dar ao areal de St.º Antonio, unica parte, que offerece commodo, e facil accesso?

E porque não tem sido feita?

Não merecerá ella a preferencia a tantas obras, que com o dinheiro do municipio tem sido feitas, e se estão fazendo ainda por capricho, por luxo, por ostentação, e tão desnecessarias?

Tem esta Villa além das duas pequenas Praças, a da *Misericordia*, e a do *Apoio*, varios terreiros, sendo intra-muros o que fica entre a Collegiada e a frente do Palacio dos Duques de Bragança, o adjacente ás ruas das *Flores*, e do *Loureiro*, e o da *Cadêa*; e extra-muros o da *Fonte de Baixo*, o da *Nogueira* junto á rua do *Poço*, o da *Calçada* em frente á mesma e ao Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, e o do *Bom-fim*; em compensação das poucas Praças tem o grande *Campo de S. José*, e que n'outro tempo, segundo diz o Padre *Carvalho da Costa*, se chamou da *Magdalena*, e dos *Touros*, e o espaçossissimo da *Feira*, a qual pela linda posição, que occupa, e

pelos formosos templos, e bons edificios publicos e particulares, que o flanqueão, tornando mui dilatada a área da Villa, lhe dá a principal belleza.



IV.

Igrejas, e capellas. convento dos extinctos Frades Franciscanos, hoje Hospital da Misericordia.

ALÉM da Collegiada, e da igreja da Misericordia, que como já dissemos foi demolida em 1848 para a reedificação dos Paços do Concelho, havia em Barcellos no Campo da Feira a Ermida do *Espirito Santo*, a da *Conceição*, e a capella de *Santa Cruz*; na Calçada, e fronteira á Cadêa, a ermida de *S. Thiago*, onde se dizia e diz Missa aos presos; na porta do Valle, dentro da Torre, um altar de

Nossa Senhora, onde se dizia Missa; no Campo de S. José a ermida de *S. Bento*, fundada pelo Dr. Gaspar Pinto Corrêa, e a de *Santa Maria Magdalena*, padroeira dos estudantes, que como tal a festejavão; na Fonte de Baixo e estrada de Espozende a ermida de *St.º André*, e junto à mesma um hospital de *Leprosos*; e a capella de *S. Francisco*, na rua do mesmo nome, e que é cabeça do morgado, que era de Fernão da Costa.

Tendo sido demolidas a do *Espirito Santo*, da *Conceição*, da *Santa Cruz*, e a *Torre do Valle*; ainda hoje existem todas as outras, e além d'ellas ha na rua dos *Carvalhos* a capella de *S. Sebastião*, na *Barreta* a capella de *S. Bento*; no lado Leste do Campo da Feira a magestosa, e ampla igreja dos irmãos terceiros de *S. Francisco da Penitencia*, cuja confrãtia, tendo funcionado, desde que foi instituida, na capella de Nossa Senhora do Rozario na Collegiada, pro-

jectou erigir um templo privativamente seu no sitio chamado a *Pedra do Couto*; sendo porém embargada a obra pelas Freiras, pelo fundamento de que seriam devassados o claustro e cerca do convento, em 11 de Março de 1734, sendo ministro da ordem o Conego *André da Costa Lopes*, e Secretario o padre *Manuel da Costa Leitão*, fez lançar a primeira pedra do magestoso e vasto templo, que possui, sendo a capella-mór edificada em terreno pertencente á cerca dos frades Capuchos.

Em 28 de Maio de 1738 apenas tinham as paredes 7 palmos fóra do sólo; o que mostra a morosidade, com que, por falta de meios, proseguia tão grandiosa obra: além das esmolas dos fieis, e dos valiosos donativos, vindos do Brazil, e com especialidade da *Bahia*, onde alguns dos irmãos os mandarão solicitar, muito correu para a sua conclusão a piedade da Rainha a Snr.^a D. Maria I, que para

esse fim concedeu parte do tributo denominado *real d'agua*.

Tendo ficado por concluir as duas torres dos sinos, o que de algum modo afeiava o frontispicio, e tendo um irmão, fallecido ha pouco, deixado uma avultada esmola á dita ordem, o Definitorio actual, com o incançavel zelo, que o caracteriza, applicou-a á conclusão da torre do lado do Norte. A ajuizar-se pelo que ja está feito, parece, que ficará elegante, e de formosa apparencia, apesar de ser de uma ordem de architectura diversa da do frontispicio do Templo, o que no entender de pessoas competentes é tido como um grande defeito.

Em seguida, e do mesmo lado leste do Campo da Feira fica a cerca dos extinctos frades Capuchos, dentro, paralelo com a cerca, o convento dos mesmos, e ao lado deste para o norte a respectiva igreja, para onde se entra por um comprido, e largo terreiro com pas-

seios de cantaria de ambos os lados, aberto no centro do muro da cerca, que fronteia com o campo.

Foi principiado este convento, dedicado a S. Francisco, de Capuchos da *Piedade*, com esmolas do povo no anno de 1649 ; (*) tem uma bella prespectiva, e é bastante espaçosa a area da sua cerca, tendo dentro bastante agua, pomar,

(*) De um livro existente no archivo da Camara Municipal, e que serviu no anno de 1649, fl. 103. v. se vê, que em data de 31 de Agosto accordara a Camara em mandar ordem aos lavradores das freguezias distantes da villa uma legua em redondo, para com os seus carros acarretarem pedra para o convento dos Frades. A fl. 83.v. do que serviu no anno de 1754 existe o termo de convocação do povo, que consentiu se desse aos Frades 70\$000 reis do real d'agua para o encanamento do seu anel d'agua. A fl. 102. v. do que serviu em 1649, a 28 de Agosto se vê a conta da despeza feita com o presente, que foi mandado ao Ministro da Ordem da «*Piedade*,» quando se lançou a primeira pedra do convento. Então, como agora, o pobre povo pagava tudo !!

hortas, terras de lavoura, e apraziveis mattas de carvalhos, e alguns pinheiros.

Com a extincção das ordens religiosas em 1834, passou a ser proprio nacional este lindo edificio; e porque o lugar onde existia o hospital da Misericordia era o menos adequado, e proprio para um estabelecimento d'aquella natureza, por lhe faltarem as condicções hygienicas, e ao edificio essas mesmas, os commodos, e proporções precisas, por valimento, esforço, e empenhos do exc.^{mo} Barão, hoje *Visconde de Leiria*, foi em 1836 concedido este convento com a igreja, e cerca á irmandade da Misericordia para alí estabelecer o seu hospital.

Quando a illustração do nobre Visconde, de quem Barcellos com razão se ufana e gloria de ser patria, quando as virtudes, que tanto o nobilitão, os relevantissimos serviços por elle feito ao paiz na guerra peninsular, no ultra-mar, e ultimamente nas campanhas da liberdade,

o não tornassem illustre entre os mais illustres, bastava este serviço tão importante e valioso feito á sua patria, e com especialidade á humanidade enferma e desvalida, para o immortalizar, e tornal-o bemquisto, e idolatrado pelos Barcelenses.

Fanaticos, como nos ufamamos de ser, por este abençoado torrão, onde tivemos a ventura de ver a luz do dia, não parecerá fóra de proposito, que aqui consignemos no nosso, e no nome de nossos conterraneos este sincero testemunho do mais subido reconhecimento, e gratidão ao nobre Visconde.

Em consequencia de tão valiosa acquisição, depois de feitos os convenientes arranjos no convento, passaram para ali os doentes em 1836, sendo depois trasladados em solemne procissão os ossos dos defuntos inhumados na antiga Misericordia para a igreja, que ora tem essa denominação.

Poucas terras terão um hospital mais

bem situado, e em local mais aprazível, e conveniente do que o que actualmente tem esta Villa: a esse respeito tanto a povoação, como os enfermos lucraram quinhentos ou mais por cento; resta porém vêr, se o regimento interno, o desvelo, e tratamento, que ahi se dão aos doentes, correspondem á vantajosa posição do edificio, e se o accio, e limpezas tão indispensaveis n'aquellas casas, são mantidos em todo o rigor da palavra; por quanto da falta desses dois requisitos tão essenciaes se gera uma terrivel molestia, conhecida sob a denominação de *podridão dos hospitaes*.

A este ullimo. respeito desde já podemos asseverar ser pouco ou nenhum o accio e limpeza, o que muito deve aggravar os padecimentos dos doentes, assim como incommóda horrivelmente o olfato das pessoas, que ali entrão, achando-se por essa causa mui viciado o ar, que ali se respira.

Já ali entramos um dia por occasião da exposição do hospital, no dia de Santa Isabel, e era tão nauseante, e intoleravel o cheiro, que sentimos logo á subida das escadas, que não podendo supportal-o, nos retiramos incontinentemente.

Ora se n'aquelle dia, que tudo estava prevenido, e arranjado com decencia, e accio, o cheiro era tão pestilencial, o que será no decurso do anno ?!

Além das fumigações, que a chimica subministra, e que devem ser feitas com frequencia para purificar o ár, deve haver a maior limpeza tanto nos leitos, como nos vasos, que recolhem as fezes excrementicias; e como havel-a, se o pessoal empregado no interior do hospital é tão mesquinamente remunerado para serviço tão pesado e assiduo; se apenas consta de duas pessoas, um homem, e uma mulher, a qual além da obrigação de cuidar na enfermaria do seu sexo, é tambem a cozinheira ?!

O homem ganha apenas 67:000 reis annuaes, com a obrigação de ter á sua custa os criados ou ajudantes precisos, e a mulher egual quantia, com o mesmo onus, que aquelle, o que vale o mesmo, que não querer, que bajão, alént desses dois unicos enfermeiros, outros ajudantes, ou criados para cuidar nos doentes, e prestar-lhes os necessarios serviços, uma vez que desse tão diminuto ordenado deve sahir o salario, e sustento d'elles.

Ao passo que apenas ha unicamente um enfermeiro, e uma enfermeira, para velar, cuidar, e prestar serviços aturadamente, de dia e de noite a 381 doentes, termo medio dos que nos ultimos tres annos entraram no hospital, ha para cuidar na igreja duas pessoas, sendo um servo' com 24:000 reis annuaes de ordenado, e um servo' andador com o de 14:400 rs.!

Só quem por felicidade nunca esteve doente, ou nunca teve molestias em casa, é que deixará de conhecer o quanto é

mesquinho e deficiente esse pessoal, bem como por essa causa, quanto soffrerão os miseros doentes, que devem ficar nas longas noites d'inverno sem remedios, e sem quem lhes preste o menor serviço, por não ser possível, que uma unica pessoa os vele de noite e de dia.

Se a receita do hospital não chega para ter maior numero de enfermeiros, não era mais conveniente, e util augmentar o pessoal, e cercear, e reduzir a certo numero a admissão dos doentes, para que fossem mais desveladamente pensados? Como póde o doente, que arde em febre, passar uma noite inteira sem mitigar a sede, que o devora, sem beber uma pouca d'agua? Como póde ficar um atacado do typho, ou do delirio febril sem ter junto de si quem o segure, para que se não precipite do leito, se não descubra etc.? E póde um unico enfermeiro chegar a tudo isso? Não é possível.

Por mais habéis, e peritos, que se-

jão. como na verdade são, os tres facultativos do hospital, por mais que elles se desvelem, e empenhem no curativo dos doentes, serão baldados os seus esforços, por não haver o pessoal preciso, que a tempo e a horas execute as suas prescrições: os bons enfermeiros muito cooperão para a cura da molestia; é muitas vezes do seu assiduo desvelo que dependem a vida, e saude do doente.

Não é o espirito de censura, que nos inspira estas considerações, em que nos temos alongado, apesar de obvias; julgamos um dever nosso fazel-as em beneficio da humanidade enferma, submettendo-as á apreciação dos zelosos irmãos d'aquella casa de caridade.

Foi fundado o hospital desta Villa (*)

(*) O primeiro hospital que aqui houve foi de «Lazaros» ou leprosos, sendo o padre João Pires Loução, Vigario de Villa Franca o primeiro tambem, que o dotou com o legado de 17 medidas de pão terçado: posteriormente por

em 1520 ; é a sua actual receita ordinaria R.º 4:107\$855, e a despeza foi em

provisão d'El-Rei D. Manuel de 12 de Maio de 1520 forão unidos ao patrimonio do hospital da Misericordia todos os bens deixados aos Lazaros ; esses bens consistem em 5 razas em Barcellos, cujo fôro total importa em 1\$640, e um almude de vinho no valor de 300 réis, que se não cobrão ; 6 razas e $\frac{1}{4}$ de pão terçado em «Creixomil» ; 84 réis em dinheiro em «Carapeços» ; mais 4 razas e $\frac{3}{4}$ de pão terçado na mesma freguezia, 3 razas e $\frac{3}{4}$ de pão terçado em «Cosourado» ; 120 razas em «St.º Estevão da Faxe», está perdido este legado ; 11 razas de milhão, e $\frac{1}{2}$ de milho alvo em «S. Fins» ; 4 de milho alvo em «Gemezes» ; 1 $\frac{1}{4}$ de trigo em «Gandra» ; 1 de meado em «Villa-boa» ; e 52 de milho e centeio em «St.ª Leocadia de Tamel». Hoje importa todo o patrimonio do hospital em 72:019\$635 sendo :

Dinheiro de capitaes mutuado	45:167\$115
Dinheiro em poder do Governo.....	14:624\$400
Medidas em especie, fôros a dinheiro	10:928\$120
Umás casas pequenas.....	40\$000
Edificio do hospital e cerca.....	1:260\$000
	<hr/>
	72:019\$635

1863 a 1864 R.º 3:920\$000, em 1864 a 1865 R.º 3:814\$200, e em 1865 a 1866 R.º 3:611\$940.

Entrarão no hospital para serem tratados no anno de 1863 a 1864 doentes 383 de ambos os sexos; no de 1864 a 1865 — 411, e no de 1865 a 1866 — 349.

Morrerão no de 1863 a 1864 — 41, no de 1864 a 1865 — 32, e no de 1865 a 1866 — 30.

Tem o hospital duas enfermarias, uma para homens, outra para mulheres, e ultimamente edeficou-se no lado sul mais uma outra, que ainda não está concluida.

Soccorria por anno oito entrevados, que residem externamente, e dava a cada um diariamente 114 grammas de carne, e 20 réis de pão de trigo; ha annos porém resolverão as mesas desse piissimo estabelecimento soccorrer quasi o dobro desses infelizes, e dár a cada um por dia 230 grammas de carne, e 20 réis de pão de trigo.

Trata o hospital á sua custa os presos doentes, e dá a esmola de 100 réis (em dinheiro) a cada preso tres vezes no anno, a saber: em dia de Paschoa, dia de Todos os Santos, e Natal. Em virtude de um legado do Dr. Custodio Gonçalves Ledo, medico no Porto, da-lhes quinta-feira Santa cinco razas de pão de mistura cozido, e na vespera de Natal 500 réis de lenha por legado de Antonia Gomes Donzella.

E' digno de toda a protecção, e de ser favorecido pelas esmolas das pessoas abastadas este humanitario e pio estabelecimento, cuja instituição, e fins não podem ser mais uteis, do que são.

Por ser acanhadissimo, e contiguo ao hospital, o cemiterio do mesmo, mandou a actual mesa fazer um de área mais espacosa no extremo, e lado sul da cerca, onde mandou construir uma linda capella para deposito e encommendação dos fallecidos.

Sendo prohibidos por lei os enterramentos nos templos, não seria uma fonte de receita para a Santa Casa, que na mesma cerca, que é tão extensa e adequada para esse fim, por ter altos muros, a ficar fóra do povoado, se fizesse o quanto antes n'ella o cemiterio publico, para se acabar de uma vez com esse costume tão irreverente e antihygienico de sepultar na casa de Deus os cadaveres?

Governando estes Reinos a Rainha *D. Leonor*, viuva d'El-Rei *D. João II*, na ausencia d'El-Rei *D. Manuel*, que se achava em Castella para aceitar a successão desse Reino, foi instituida em Lisboa em Agosto de 1498 por *Fr. Miguel de Contreiras*, frade *Trino*, e por outros varões pios, a irmandade da Misericordia, cujo compromisso ultimado em 3 de Março de 1614, foi mandado observar em 19 de Maio de 1618.

Para perpetuar a memoria do instituidor, por alvará de 26 d'Abril de 1627

foi ordenado a todas as Misericordias do Reino, que usassem em suas Bandeiras da imagem de um frade Trino com as iniciaes F. M. I. que querem dizer *Frei Miguel Instituidor*.

Não tendo a Misericordia desta villa compromisso privativamente seu, adaptado ás suas circumstancias, e nossos costumes, é regida pelo da Misericordia de Lisboa, feito em 1614, que é uma antigualha, veneranda, mas exotica e rançosa.



Convento, e igreja das Freiras.

FLANQUEANDO o Campo da Feira pelo lado do norte, existem a igreja, e parte do convento extinto das Freiras da Ordem de S. Bento, cujo edificio prolongando-se pelo Campo dos Touros, onde era a portaria, flanquêa todo o lado leste deste ultimo campo.

No centro da face, que frontêa com o Campo da Feira, fica a igreja com uma larga porta de entrada, tendo de cada lado cinco frestas envidraçadas; nos dois extremos dessa linha teve dois altos mirantes, um dos quaes formava angulo re-

cto com o Campo dos Touros. A igreja é bastante espaçosa; tem apenas tres altares, o da capella-mór, e um de cada lado do arco cruzeirô; as paredes são todas forradas de azuleijos, pintados com emblemas, e sentenças extrahidas da Regra de S. Bento: o tecto é todo forrado de madeira em taboleiros, tendo em cada um d'elles pintados a oleo com o desenho mais correcto, e côres tão vivas, como se datassem de pouco tempo, todos os passos da vida do glorioso Abbade.

Na parte exterior da porta da entrada tem de cada lado uma lapide; a da esquerda com a inscripção latina: *Joanne V imperante, Petri II placito annuente, hoc Monialium cœnobium ad æternam temporis memoriam Divo Benedicto dicatur*; e a da direita: *Rodericus II Hispaniarum Primæ, qui opus erigendum sacro pontificali ritu, primum lapidem posuit XIV Augusti die, anno MDCCVII.*

Dentro da capella-môr por cima da porta da sacristia do lado do Evangelho tem pintada nos azuleijos esta inscripção : *Anno Domini MDCCVII, die vero XIV Augusti D. Rodericus de Moura Telles, Archiepiscopus Brucharensis, Hispaniarum Primax, huic edificio primum injecit lapidem*; e por cima da do lado do Evangelho a seguinte: *Anno Domini MDCCXIII, die vero VIII Julii, idem D. Rodericus de Moura Telles, Archiepiscopus Bracharensis, Hispaniarum Primax, Moniales in hoc a se fundatum cenobium á Brachara transtulit, et reclusit.*

Consta de todas essas inscripções, que por beneplacito de D. Pedro II, e no reinado de D. João V, poz a primeira pedra no convento, de que foi fundador o Arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Telles, a 14 de Agosto de 1707; que era dedicado a S. Bento; e que o mesmo Arcebispo, trazendo de Braga as Monjas, as encerrára no convento a 8 de

Julho de 1713 ; seria porém á custa d'elle, do Soberano, da Ordem, ou com esmolas do publico tão grandiosa fabrica ? (*) E' o que não podemos averiguar, mas deve constar do archivo, e papeis do con-

(*) Só agora é que viemos no conhecimento do seguinte : Em um livro fl. 133, que existe no archivo da Camara, e serviu no anno de 1704 consta, que em 8 de Setembro fôra convocado o povo, que offereceu mais 12 mil cruzados para a edificação do convento, cujas Freiras tinham vindo de « Monção », e já se achavam em o Seminario de Braga. No que serviu no anno de 1707 fl. 63 existe o registo da Provisão, que nomeou o Dr. Domingos Gonçalves Ribeiro superintendente das obras do dito convento ; e nesse mesmo livro fl. 67 v. em data de 13 de Março existe o termo, que se lavrou ácerca do sitio do referido convento. Tudo o que prova, que a edificação foi por conta do Estado, e em grande parte á custa do povo do Concelho.

A fl. 16 do que serviu no anno de 1713 em data de 8 de Julho existe o termo, em que se descreveu a entrada das Freiras n'esta villa.

vento. Onde existirá tudo isso? O que é certo, é que obra tão magnifica e importante, principiada e acabada dentro de 7 annos, não podia ser feita com esmo-las, nem emprendida senão por braço mui poderoso.

Custou cem mil cruzados n'aquelle tempo, equivalentes, sem exageração, a cento e cincoenta mil d'hoje pelo menos!!

Pois bem; quem o acreditará, á excepção da Igreja, que ficou para o uso do publico, todo esse magnifico edificio com á cerca respectiva, foi arrematado em 1847 por menos de 2:000\$000 rs., quando só os ferros das grades internas e externas, e a cantaria dos dois mirantes, que forão apeados por quem o arrematou, produziu quasi a quantia da arrematação!!!

Passando por esta Villa a unica via militar, que conduz a Vianna, e ás Praças fronteiras á Galliza, e não havendo aqui um unico edificio publico com capacidade para aquartelar, ou um corpo per-

manente, ou a tropa, que de continuo aqui passa, senão este, álias adequadissimo para esse fim, por estar situado em um dos extremos da Villa, com accomodações apropriadas, agua dentro, dois formosos campos, além da grande cerca, um na frente, outro immediato, não pedião a razão, e todas as conveniencias, que elle fosse, por esses ponderosos motivos, reservado para esse effeito, e quando não fosse por elles, que fosse pelo menos para aliviar este pobre povo do pesado, e vexativo tributo dos continuos aboletamentos, que soffre? Onde estava a solicitude da Camara Municipal dessa época? Representaria ella a esse respeito ao Governo? E se representou, qual o motivo, porque não foi attendido o seu pedido? Que utilidade teve o Estado na venda desse *ovo d'ouro* por um real? Assim correm desgraçadamente os nossos negocios todos!

Parece, que vivemos em um paiz, não

nosso, mas conquistado, e que temendo, que d'elle nos expulsem qualquer dia, só cuidamos em apurar dinheiro!!

Não nos podendo evadir a fazermos estas considerações, que o nosso amor patrio nos suggere, mas não podendo tambem proseguir pelo muito que nos contristão outras, que dellas se deduzem, passemos adiante, e continuemos na nossa descripção.

De um manuscripto, que temos presente, consta, que n'um sabbado 8 de Julho de 1713 forão as Freiras em numero de 67 professas, 3 Noviças, 6 educandas, e 30 e tantas criadas trasladadas da casa do Seminario em Braga para este convento, que já estava concluido, menos o mirante do lado da *Pedra do Couto*, sendo acompanhadas em todo o trajecto pelo Arcebispo, fundador do convento, por D. João Diogo d'Athaide governador das Armas, um Ministro de Braga com seu Escrivão e Meirinho, pelos

parentes das Freiras, e muitos Cavalheiros de Braga.

Que apeando-se as Freiras das liteiras, em que vinhão, á porta da capella do Senhor da Cruz, seguirão processionalmente em direitura á portaria do convento no Campo dos Touros, indo na frente a Cruz do Cabido da Collegiada, em seguida os Conegos, depois a Cruz Archiepiscopal, depois as Freiras duas a duas, e atraz de todas a Abbadeça com o baculo em punho, e por ultimo o Arcebispo, Governador das Armas, e mais pessoas gradas, sendo tal a concorrência do povo da Villa e de fora da terra, que difficilmente se podia romper.

Que no dia seguinte até o de S. Bento houvera triduo com sermão, e SS. Exposto na Igreja do Convento, e que no dia do Santo houvera Pontifical com sermão de manhã, e de tarde, sahindo depois o SS. em procissão com todas as irmandades até á Capella do Senhor da

Cruz, e d'ali regressára á igreja do convento.

Que o Arcebispo se hospedára na Casa (heje demolida) da *Bagoeira*; que durante o triduo d'ali mandára de comer ás Freiras; e que depois d'isso os Vereadores da Camara, que então erão *Diogo da Cqsta Brandão*, o *Licenciado Jacintho Vieira*, e *Manuel Fiuza Cerqueira* mandarão-lhes um grande presente de vitellas, carneiros, gallinhas &; que finalmente a 4 de Outubro de 1713 fora concluido o mirante do lado da *Pedra do Couto*.

Tendo sido demolida a capella do Espirito Santo em 1856, passarão as Imagens, bem como a de nossa *Senhora do Terço*, que n'ella se venerava, para a Igreja do convento, e é a irmandade da mesma *Senhora*, que se acha de posse d'ella.



VI.

Igreja do Senhor da Cruz, e apparecimento das Cruzes

SAINDO-SE da Villa pela rua da *Calçada*, e entrando-se no Campo da Feira, fica no lado Oeste d'este, e fronteiro á igreja dos Terceiros, com a frente exactamente ao Sul, e fundos ao Norte, o formoso adro, e templo do Senhor Bom Jesus da Cruz.

A figura exterior do templo é octógona, com quatro lados rectos, e quatro convexos; interiormente é em forma de cruz: o tecto é d'abobada de cantaria

fina, com um elevadissimo e elegante zimborio.

Tudo ali é pedra fina, perfeitamente lavrada; é o seu todo um primor da arte; só se empregou madeira nas garnições dos altares, dos pulpitos, do côro, e nas portas, que são tres: a principal na frente com a inscripção latina em letras douradas do lado esquerdo = *Exstructum anno MDIV* = do lado direito = *Ampliatum anno MDCCV* = e duas lateraes, collocada cada uma n'uma das curvas do octógono, immediatas à recta da frente.

Tem unicamente tres altares, o da capella-mór, onde está o calvario, o do lado da Epistola, onde se venera o Menino Jesus, e Nossa Senhora das Dôres, e o do lado do Evangelho, onde existe a veneravel e milagrosa Imagem de Christo Senhor Nosso com a cruz às costas, ajoelhado em terra, Imagem, que foi trazida de *Flandres* por um mercador

d'esta Villa, e que se acha collocada exactamente por cima do lugar, onde em 1304 appareceu a primeira Cruz descripta no sólo.

Na parede do lado da Epistola d'este altar está em letras douradas, e abertas na pedra, uma inscripção latina, que não só memóra esse apparecimento, como refere, que esse sumptuoso e rico templo foi edificado com esmolas, e a expensas publicas; diz ella: *Anno MDIV, decembris XX die, feria VI, hora diei IX, prima Crux apparuit in hoc solo, et brevi septa sacello, solium fuit Christo Domino, principatum bajulanti, cui post geminum seculum ad sempiterni memoriam temporis eleemosinis, et impensis publicis hæc basilica dicatur.*

Existindo n'outro tempo perto d'aquelle lugar uma pequena ermida consagrada ao Salvador, e que foi demolida para se edificar este templo, passando por essa razão a Imagem do Senhor para a

ermida do Espirito Santo, deu origem á edificação do mesmo templo o apparecimento de uma cruz descripta no sólo como melhor se verá do instrumento publico, que então se lavrou, e que, devendo existir no archivo da irmandade, passamos a extrahir do—Tratado Panygirico—de Frei *Pedro de Poyares*; e é o seguinte :

« Dizem os mordomos da confraria da Santa Cruz, d'esta Villa de Barcellos, sita no arrabalde d'ella, que em poder de Bartholomeu Machado de Miranda da dita Villa, está um livro de notas muito antigo, passa de cento e trinta annos, no qual está escripto, e lançado na dita nota um milagre, que Nosso Senhor obrou na ermida de Santa Cruz, onde está Sua Imagem com a Cruz ás costas; tem o dito livro em seu poder, por ficar de seus antepassados, por razão de se não perder, e para ajuntar a outros papeis de milagres, que acontecerão na dita er-

mida, lhes é necessaria uma certidão em publico, e modo, que faça fé, com o teor *de verbo ad verbum* d'ella, e para mais fé de verdadê, que seja vista a dita nota diante de dois Tabelliães do publico e judicial, o mais authentico, que possa ser. Pedem a vossa mercê lhes mande passar a dita certidão, e receberão mercê, e justiça = Que se se lhes passe certidão na fórmula pedida. = Certidão = Saibão quantos este instrumento de certidão dada por mandado, e authoridade de justiça virem. Em nome de Deus, Mui Alto e Poderoso Senhor. Amen. Saibão os que este publico instrumento de fé, e do testemunho do santo milagre, virem, que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e quatro, sexta-feira, vinte dias do mez de Dezembro, ás horas de nove horas, pouco mais, ou menos, indo o mui honrado Diogo da Costa, escudeiro d'El-Rei, e juiz ordinario em a dita Villa de Barcellos, pela

rua Direita da dita Villa, e chegando conmigo tabellião ante as portas de Pedro Machado, outro sim escudeiro, vinha João Pires, sapateiro, pela dita rua, que vinha da ermida do Salvador, em que ha pelo dito dia uma Missa, em reverencia e louvor das Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, e disse ao dito juiz, e a mim tabellião, que fossemos ver, e guardar uma Cruz, que demonstrava um grande santo milagre, que estava junto da Cruz, aos carvalhos do Campo da Feira. Pelo qual o dito juiz, conmigo tabellião fomos com o dito João Pires, em direito onde está a outra Cruz, que está no dito Campo, e no meio da estrada, que vai, e corre da dita Villa para Santiago de Galliza, e outras partes; em direito da dita Cruz, no chão, em um barreiro, estava feita, e assignada, que fica da mão direita, quando homem vem do Salvador, uma mui proporcionada, e talhada, e direita. † Cruz, toda lãõ preta, como esta d'esta regra acima, de tres covados e meio

de comprido, e dois covados e tres quartas em ancho, e de largura a quadra d'ella de um palmo, e em todo por igual; e estando o dito juiz, e eu tabellião, e Pedro Alvares contador, que logo ahi chegou, e o dito João Pires, ella se tornou mais de outra côr, quasi toda alvadia, pelo qual foi logo ahi por elles, e por mim tabellião vista toda a terra de redôr, onde não foi achada nenhuma cousa preta d'aquelle teor e qualidade, sómente um feito, como cerco, tão longé das Cruzes, como duas varas, ao que visto o dito milagre tão excellente, e publico, e manifestando-se pelo dito juiz, acodia muita gente da dita Villa, e de fóra d'ella, a ver, e adorar a dita Cruz, chegando com os sobre-ditos outro sim Pedro Machado escudeiro, morador na dita Villa, e cercarão de pedra de redor, e com outros muitos homens, e governadores, da dita Villa accordarão ser edeficada uma casa ao pé, e longura da dita Cruz, a louvor, e nome chamada — Santa † Cruz —

erguendo logo ahi pedras quatro, que se levantarão a longura, e largurá da dita Cruz, segundo está, e ficou o dito dia, até acabada a vespera, aonde com o dito proposito, e tenção bôa, e santa, Alvaro Pinheiro, fidalgo, e todos os moradores da dita Villa forão ao dito milagre com grande, e solenne procissão, para dizermos onde ficára a dita Santa Casa, e forão no dito dia, á tarde acabada a vespera, o devoto Collegio, Conegos, e Clerezia d'esta Villa de Santa Maria, a pôrem, e levarem, onde a Santa Cruz estava, uma mui grande Cruz de pau, mui bem feita, que metterão com muita solemnidade com a procissão, que levavão, em que ia com elles a Confraria de Nossa Senhora da Misericordia da dita Villa, e ahi deixarão a dita Cruz, chantada por diviza, e mostramento do dito Santo milagre, que ahi estava, aonde todos os fieis, e devotos Christãos com muita devoção offerecerão, o que lhes bem parecia de sua fazenda, promettendo

todos dadivas de dinheiro para a dita Casa as quaes eu tabellião escrevi, e assim o leixarão, por o tempo não dar mais lugar com a chuva, cercada de pedra: e Francisco Corrêa, e Alvaro Fernandes, cle-rigo, outro sim testemunhas Francisco Correia, Diogo da Costa, Alvaro Fernandes, Pedro Machado, segundo tudo isto consta do instrumento do Santo milagre da Cruz, que está escripto em um livro de notas, que tem em seu poder Bartholomeu Machado de Miranda, do qual foi fielmente trasladado, sem cousa, que duvida faça, ao qual livro, que em poder do dito Bartholomeu Machado fica, em todo e por todo me reporto. E por me ser mandado passar a presente pelo Licenciado João Barreto de Sá, Juiz de Fora n'esta Villa de Barcellos pelo Duque de Bragança, & a passei na verdade hoje sete dias do mez de Maio de mil e seis centos e trinta e oito annos, e a concertei com o official abaixo nomeado, e assignado, e ao dito Bartho-

lomeu Machado de Miranda lhe tornou a ficar o dito livro, e assignou.

A qual certidão atraz eu João Machado de Faria, tabellião do publico e judicial, n'esta Villa de Barcellos pelo Duque Nosso Senhor & fiz tirar, e trasladar de um livro de notas, bem e fielmente, e o subscrevi, concertei, e assignei do meu publico signal, fiz que tal é, e o dito livro de notas tem em seu poder Bartholomeu Machado de Miranda, d'esta Villa, ao qual eu o enterguei, e de como o recebeu assignou aqui commigo tabellião, que assigno publico, que tal é. = Recebi o proprio livro. = *Bartholomeu Machado de Miranda.* »

Extractaremos ainda o que a semelhante respeito diz o *Padre Carvalho da Costa* na sua—*Corographia*—livro, que por ser hoje raro, bem como o de *Frei Pedro de Poyares*, a que acima nos referimos, talvez não esteja ao alcance de todos; diz elle:

«N'este Campo da Feira em o circuito da igreja [*a do Bom Jesus da Cruz*] se vê cada anno o celebre milagre das Santas Cruzes (que testemunha todo este Reino, e escrevem Authores mui fidedignos) começando a apparecer em Maio nas vésperas de sua Invenção, e muitas vezes em Setembro, nas vésperas da Exaltação, e durão cinco e seis dias. O modo com que apparecem, é de Cruzes ordinarias de côr negra, o tamanho da hastea maior, que uma braça, os braços em boa proporção: nem se mostram á flôr da terra, cavando-a, vão sempre mostrando a mesma forma.

Teve principio este admiravel apparecimento aos 20 de Dezembro de 1504, uma sexta-feira pela manhã, tempo, em que foi achada a primeira Cruz, que se viu estampada milagrosamente na terra, no sitio, em que hoje está a Imagem de Christo Senhor Nosso com a Cruz ás costas.

N'estes dias, em que apparecem as Santas Cruzes, tirão os devotos romeiros da

capella do Senhor tanta terra, que fazem uma cova de cinco, e seis palmos, a qual milagrosamente se torna a encher de terra até ficar na mesma planicie.»

Como testemunhas occulares, e chronistas imparciaes, é do nosso dever rectificarmos algumas inexactidões do Padre *Carvalho da Costa*, sem que com ellas nem levemente pretendamos abalar a fé dos fieis, quanto ao, apparecimento das Cruzes, reputado miraculoso tanto pela tradicção, como pela fé, e devoção dos povos: — a Deus nada é impossivel.

Não é só no circuito da igreja, nem só nas vespervas da Invenção e da Exaltação, que as Cruzes apparecem, e é falso, que durem cinco ou seis dias unicamente: apparecem em todo o Campo da Feira, e bem longe da Igreja; já as vimos no campo de *S. José* perto da capella de *S. Bento*; começam algumas a apparecer em meado d'Abril, e durão al-

gumas até fins de Septembro, e outras todo o anno mais ou menos viziveis.

Quanto á asserção por elle avançada de milagrosamente se tornar a encher de terra, até ficar raza, a cóva, que os Romeiros abrem na profundidade de cinco, ou seis palmos para tirarem terra da Cruz, que está na capella do Senhor, nada nos consta a semelhante respeito, senão, que para evitar ás excavações dos devotos, existe um taburno, com alçapão fechado, sobre a primeira Cruz, que appareceu, e por cima da qual fica a Imagem do Senhor. Se se dêsse a circumstancia do crescimento da terra, na verdade era um manifesto milagre, e dado elle, para que se havia de vedar a excavação, e extracção da terra, se miraculosamente ella crescia?

Repetimos, usavamo-nos de sermos Catholicos, e longe de nós quereremos com esta reificação, e considerações abalar a fé, ou entibiar a devoção dos Fieis; a ver-

dade porém, e a imparcialidade a isto nos forção.

O sólo do Campo é todo barrento mui arenôso; não serão bêtas de terra prêta, que casualmente se cruzem, e que, varrida a arêa, que as encobre, pelas brizas do quadrante do Norte, que principião em Abril, e reinão até fins de Setembro, tornem outra vez a ficar occultas com a arêa, e pó, que as do quadrante do Sul tornão a accumular sobre ellas?

O mesmo Frei *Pedro de Poyares* acima referido relata um factô de uma outra Cruz apparecida no mesmo Campo, com o qual prova ser com effeito miraculoço tal apparecimento; diz elle:

« Havia na Villa de Barcellos um homem nobre, por nome *Mathias Paes de Faria*; este não queria crer que apparecião Cruzes no dito Campo: negava o apparecimento, quanto podia, accumulando razões, e mais razões a seu obstinado parecer. Succedeu, que estando no

dito Campo com um magote de escudeiros, fallando-se no tal apparecimento, elle a négar quanto pôde. Eis que de repente diante d'elles appareceu uma Cruz na terra, mui bem lavrada [como se fôra feita por mão de destro official] vendo isto *Mathias Paes*, se pôz de joelhos, adorou a Cruz, e foi acerrimo defensor depois do apparecimento das Cruzes em Barcellos. D'este caso se fez um instrumento publico, que fez *João Freire*, notario Apostolico, haverá quarenta annos, que isto succedeu. »

Frei Pedro Poyares escreveu em 1670, logo succedeu pouco mais ou menos, segundo elle diz, em 1630.

Por instancias e zelo de *Manoel Corrêa Rebello*, que por vezes fôra Vereador n'esta Villa, instituiu *Ignacio da Silva Medella*, natural da mesma, filho legitimo de *Paschoal Rodrigues*, e de *Helena Ribeira*, e negociante abastadissimo no Rio de Janeiro, um Côro de sete Capellães, que no

templo rezassem o Officio Divino todos os dias de manhã e de tarde, tendo cada um 40\$000 réis de vencimento annual ; para cujo fim se obrigou, por escriptura publica lavrada em 15 de Março de 1723 pelo Tabellião *Manoel Lopes da Costa*, a pôr n'estes Reinos a quantia de 6:400\$000 rs.

Em 30 de Dezembro de 1729 assignou a Irmandade com os procuradores de *Medella*, *Joaquim da Costa e Silva*, de *Guimarães*, e *Valentim da Silva Coelho*, do arrabalde de *Barcellinhos*, nova escriptura, da qual consta ter doado o mesmo Instuidor mais 1:600\$000 réis, para, em lugar de 7 Capellães, que já tinham começado a funcionar em 6 de Janeiro, do mesmo anno, ser o Côro augmentado com mais dois.

Foi escrivão da escriptura do recebimento do dinheiro, e encargo respectivo tomado pela Irmandade, que se obrigou a dar a juros, por conta e risco dos rendimentos, e propriedades da mesma Irman-

dade, os oito contos de réis doados por Medella, *Amaro Lopes d'Azevedo*, e se acha lançada na nota do tabellião *Antonio de Villas-boas*.

Na escriptura de 15 de Março de 1725, diz o Instituidor, para evitar *controversias de respeito*, e pelas informações, que tinha das virtudes dos Reverendos Padres Manuel da Costa Lopes, Manuel da Costa Leitão, Luiz de Barros, Manuel Ribeiro Bello, Domingos Lopes Garcia, e João Gomes de Mattos, os nomeava Capellães; e na de 30 de Dezembro de 1729 nomeou mais os Padres, Philippe Corrêa Rebello, e Antonio Barboza de Goios, em razão de ser organista; e por que este ultimo se tinha ausentado para concluir os seus estudos em Coimbra, foi nomeado na mesma occasião organista o padre Bento Gomes da Silva.

O mesmo Medella foi um grande benfeitor tanto dos seus proprios parentes, alguns dos quaes lhe pagaram com a mais

revoltosa ingratiidão, como se deprehende de varias de suas proprias cartas, como igualmente de varios particulares, e de muitos Estabelecimentos de beneficencia, quer no Brazil, quer em Portugal. Além da instituição do Còro de 9 Capellães, e 2 Coristas, mandou da Bahia um tóro de pau de Cedro para se fazer uma Imagem de Nossa Senhora da Piedade, tres ornamentos ricos, varias alfais de prata, cera, jacarandá para as grades, e 800\$000 réis para o orgão, que existe no mesmo templo.

Pareceria incrivel, que houvesse alguem tão desalmado, que quizesse abusar da boa fé de tão generoso, e pio Bemfeitor, se da carta escripta por elle no Rio de Janeiro em 30 de Janeiro de 1739, ao Padre Manuel Ribeiro Bello, não constasse o seguinte topico, que corrobora a nossa asserção :

«..... e assim, que escapei da
«doença, tratei de fazer, o que devia fazer

«e dispuz dos meus bens os mais liquidos
«com a Santa Casa da Misericordia d'esta
«Cidade do Rio de Janeiro, como Deos me
«ajudou, e foi servido; porque os irmãos
«das santas casas, e das irmandades, que no
«Brasil trabalham para ellas [*são*] desinte-
«ressados, o que esses senhores *não fa-*
«*zem, nem querem fazer*, e estou vendo o
«que respondem á proposta, que levou o
«Padre, que partiu d'esta para a Bahia,
«que se cá tivera a dita proposta a não
«mandava, á vista de me pedirem *quatro*
«*centos mil réis [!!!]* para darem vinho,
«cêra, e hostias aos Padres, que dizem
«Missas no dito templo, podendo fazer a
«conta do numero dos Padres, que era li-
«cito dizerem Missas no dito templo, ou
«serem só para os Capellães; pois eu não
«ignoro que cada qual faz a sua conta, de
«sorte, que lhe accomoda, olhando tam-
«bem para a minha *comproximidade*, [?]
«porém ficaremos, como estavamos.»

Na carta dirigida pelo mesmo em 19

de Agosto de 1727 ao dr. Manuel de Andrade e Almada se lê o seguinte topico :

«N'esta occasião vai o nosso patricio e
«famoso Tenente Coronel Manuel Nunes
«Ferreira, e leva um diadema de ouro (*)
«para o nosso Bom Jesus de Barcellos o qual
«mandou fazer n'esta Cidade do Rio de
«Janeiro, e o leva em sua companhia, que
«pelo deffeito, com que sahio, vae de ac-
«cordo a mandal-o fazer outra vez em Lis-
«boa; que hade permittir o mesmo Bom
«Jesus leval-o a salvamento á dita Cidade,
«aonde escreverá V. M.^{ce} e o reveren-
«do Conego, meu Primo, dando-lhe as boas
«vindas, e tudo o mais, que é necessario
«a um Tenente Coronel, solteiro, moço, e
«rico.»

Possuia a Irmandade importantes bens, que lhe foram deixados pelo *dr. Manuel de Andrade e Almada*, os quaes alcivosamente

(*) Este diadema ainda hoje existe, e serve nas festas principaes.

lhe forão uzurpados por *Bento José de Miranda*, que abusando da procuração, que a Irmandade lhe havia passado, os denunciou á Corôa !! Tudo isto minuciosamente consta da certidão da Carta de Excommunição, publicada e jurada n'esta Villa em 19 de Outubro de 1780, e se acha no archivo da Irmandade.

A pessima escolha, segundo consta, que recentemente se tem feito de alguns beneficiados, que não sabem canto-chão, e (o que mais escandaloso, e abusivo se torna) que raras vezes frequentão o Côro, gosando aliás bôa saude, não só illude, e desvirtua o fim da instituição, como faz pezar todo o serviço sobre os poucos, que como bons e exemplares sacerdotes, são assíduos na frequencia, como devem.

Não causará grande admiracão este abuso, sabendo-se, que a Irmandade, que administra o templo, existe ha mais de 50 annos sem Estatutos, que a rejão,

e que tendo sido intimada pela Autoridade competente, ha mais de um anno, para os elaborar, e fazer approvar na forma da lei pelo Governo, a despeito de tudo, ainda os não tem: tal é o empenho, tal o desejo de viver sem Lei!!! Aquilante-se por isto, quem é mais culpado, se quem desobedece á lei, se as autoridades, que tolerão a desobediencia?!

Em um Domingo de 1710, foi benzido o templo, e se disse a primeira Missa n'elle sendo em uma quarta-feira do mesmo anno trasladada em procissão solemne a Imagem do Senhor da capella do Espirito Santo, onde esteve depositada, como já dissemos.

Quando em Maio de 1852 Suas Magestades honrarão com suas augustas presenças esta Villa, Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II dignou-se aceitar o titulo de Juiz perpetuo d'esta Irmandade, e como monumento de tão subida honra existe na sacristia do lado da

Epistola o retrato do mesmo Augusto Senhor. Mais uma razão para haver lei!

E' tão milagrosa a veneravel Imagem do Salvador, é tão viva e robusta a fé do povo, e tão ferverosa a devoção, que lhe consagra, que tendo aquelle sumptuoso templo sido feito com esmolas dos Fieis, e tendo sido empregada em juros do Padrão Real a quantia de 8:000\$000 pertencentes á Irmandade, que ainda até hoje está no desembolço do capital e juros, apesar de tudo isso, e de tudo quanto a voz publica diz da pessima administração, que tem, (*) ainda possui um patrimonio excedente a vinte contos de réis: e como não ser assim, se se calcula o rendimento da caixa das esmolas, das offerlas em cera, dos enterramentos no templo, dobres dos

(*) Como homenagem á verdade cumprenos declarar aqui, que o incançavel zelo, e probidade do actual thesoureiro o sr. Anselmo Antonio da Costa Leite augurão um prospero futuro á Irmandade.

sinos, alugueis das alfaias, & &., em mais de 600\$000 réis annuaes, além do rendimento dos capitaes e patrimonio ?

Em 14 de Setembro festeja-se a Exaltação da Santa Cruz, e em 3 de Maio a sua Invenção, havendo por essa occasião uma grande feira chamada das Cruzes, que dura tres dias. á qual concorrião n'outro tempo negociantes de toda a parte do Reino, e hoje apenas alguns ourives, chapeleiros, algibebees, vendedores de quinquilharias, e de guarda-soes, para os quaes a camara promptifica barracas de taboado, mediante um modico aluguer.



VII

Igreja e recolhimento do Menino Deus

NO ARRABALDE *Norte* da Villa, no caminho de Vianna, e no fim da rua da Estrada, do lado *Oeste* d'esta, está o recolhimento do *Menino Deus*, vulgo das *Beatas*, cuja fundação é devida a uma preta de nome *Victoria*; segundo é tradição, e consta de um manuscrito, que temos presente, teve principio do modo seguinte esse utilissimo Estabelecimento :

«*Bento Ferreira Gomes*, casado com *Francisca Ferreira*, morava na rua *Direita* d'esta Villa, onde tinha loja de mer-

cancia ; e comprando uma negra de nome *Victoria*, que teria, quando foi comprada, 20 annos de idade, tão adestrada se tornou em poucos annos no negocio de seu senhor, tão intelligente era, que este lhe entregou por vezes dois e tres mil cruzados, para ir á cidade do Porto, comprar os sortimentos, que precisava ; o que ella executava com tanta pericia, e fidelidade, que causava a todos admiração.

Era a preta *Victoria* de vida e costumes exemplarissimos, e tomando grande devoção ao Menino Jesus, mandou fazer um, que tinha n'um nicho na loja de seus senhores.

Cresceu tanto a fama das virtudes da preta *Victoria*, e dos milagres do seu Menino Jesus, a quem os povos incessantemente levavão offerlas, que o Dom Prior da Collegiada *André de Souza da Cunha* a obrigou a collocar a Imagem na Collegiada na Capella dos Terceiros : se até então a fama da milagrosa Imagem era grande,

maior ficou sendo depois, sendo immensas e avultadas as esmolos, e offerlas, que lhe fazião. Informado d'isso o Arcebispo de Braga, *Dom Rodrigo de Moura Telles*, e nomeando Thesoureiro d'essas esmolos a *Bento Ferreira Gomes*, senhor da preta *Victoria*, em pouco tempo se viu, que emportavam em alguns mil cruzados.

Em Maio de 1721 requereu a preta *Victoria* ao Arcebispo *Dom Rodrigo de Moura Telles* licença para erigir uma capella ao Menino Deus, para cujo fim allegou ter já 204\$000 réis ; e offerecendo para rendimento da fabrica vinte e quatro medidas terçadas, cujo rendimento era de 5\$000 réis annuaes, compradas ao convento de Santa Clara de Villa do Conde; por não ser considerada valida e segura essa compra, segundo o parecer do procurador geral da Mitra, emittido em 2 de Abril de 1722, fez-se o destracte da compra ; e como a preta *Victoria* offerecesse depois, para o mesmo fim, dez medidas

*

compradas em 8 d'Abril de 1724 a *Martinho d'Azevedo* e mulhier *Anna Maria de Mello de Faria Lobo*; uma raza doada em 27 de Março de 1724 por *Antonio Francisco*, de Villa-Cóva; sete e meia medidas compradas em 21 de Janeiro de 1724 a *José Pereira* e mulhier *Joanna da Afonseca*, que na mesma escriptura doaram tambem uma medida; nove medidas compradas em 5 de Maio de 1725 a *Antonio Gonçalves do Pinheiro*, por todas, compradas e doadas, vinte oito e meia medidas, concedeu o Arcebispo por Provizão de 6 de Outubro de 1725 a licença pedida.

Oppondo-se porém' a tal concessão, em 10 de Novembro de 1725, a Ordem Terceira de S. Francisco, que, como já dissemos, se achava estabelecida n'esse tempo na Collegiada, e em cuja capella era venerada a Imagem do Menino Deus da preta *Victoria*, allegando, como fundamento de sua opposição:

1.º—Não haver confraria alguma do Menino Deus, e sim apenas algumas pessoas devotas, que a preta nomeava cada anno para o festejarem ;

2.º—Existir um papel authorisado pelos senhores da preta, no qual a mesma se obrigava, quando se fizesse capella para o Menino Deus, que iria com elle a Ordem Terceira, em cuja capella se achava collocado, ha tantos annos ; pedia por isso, que lhe fosse concedida a authoridade, e direcção da obra, por ser assim mais conveniente ao serviço de Deus, que lhe assistisse a Ordem Terceira ; pois não sendo assim, brevemente ficaria a dita capella, que se pertendia erigir, sem ter quem tratasse do seu culto, o que não aconteceria, tendo a assistencia continua da Ordem Terceira.

Não obstante essas ponderações, e por ser considerado irritó, e capcioso o papel, que se dizia passado pela preta *Victoria*, que declarou não ter assistido á sua factura, e ter-se sempre opposto, e clamado contra

tal pertença, o que foi ratificado, por escripto, por seu senhor *Bento Ferreira Gomes*, em 23 de Janeiro de 1726, em nova Provisão de 8 de junho de 1726 confirmou o Arcebispo a licença concedida á preta *Victoria*, a qual resolveu levar mais longe o seu pensamento, desejando edificar já não uma capella, mas uma Igreja para o Menino Jesus, e um convento, onde se recolhessem e educassem raparigas donzellas, o que poz em execução no sitio onde hoje se veem.

Quando as obras estavão já muito adiantadas, mandou, por ordem d'El-Rei, o Ouvidor da Villa intimar todos os pedreiros para irem trabalhar nas obras de Mafra, sem que lhes aproveitasse privilegio algum; assim o fizeram, ficando mezes parada a obra; foi então que a preta *Victoria* indo a Lisboa obteve d'El-Rei licença para regressarem á Villa os pedreiros, que proseguirão na conclusão da obra, e a preta na aquisição dos meios precisos, avultando entre as esmolas por ella obti-

das, o donativo de quinhentos mil réis em tijolo e telha, (*) dado pelos moradores do *Conto de Manhente*, por ella lhes ter obtido isenção de recrutamento, a que nessa epoca se procedia com a maior restricção.

Em 27 de Setembro de 1733 foi trasladada processionalmente para a sua Igreja o Menino Jesus, havendo por esse motivo na vespera corrida de Touros, e no dia da trasladação danças, e folguedos publicos, como por occasiões laes, se usava n'esses tempos.

(*) Por escriptura de 10 de Fevereiro de 1732 passada no Couto de Manhente, Tabellião «Manuel da Costa», se obrigaram varios devotos de «Manhente», e de «S. Verissimo», a cumprir, dentro de dois annos, a promessa, que haviam feito ao Menino Deus, de darem telha boa para as obras em construcção; o que cumprirão, dando os de Manhente, (cincoenta devotos,) duzentos e nove carros de telha, e os de S. Verissimo, (quarenta e tres devotos,) cento e noventa e nove e meio carros.

Falleceu a preta *Victoria* em Santa Maria do Abbade, e se acha enterrada na Igreja do Recolhimento.

Por falta de documentos, não podemos verificar, se foi durante a sua vida, se depois, que vierão de Arrifana de Souza, hoje *Penafiel*, tres recolhidas para regularizarem, e receberem as que quizessem entrar. Uma, das que vierão, era bastarda da antiga e nobre casa dos *Corréas de Balsemão*, e veio servir de *Regente*, outra de *Porteira*, e a outra de *Escrivã*.

Tomarão logo habito, que é o da primitiva ordem de S. Francisco, 18 recolhidas, sendo 6 filhas, e uma cunhada (*) do *Licenciado Manuel Martins da Fonseca*, as outras erão de Braga, e d'outras localidades.

(*) Erão os nomes das filhas, *Maria de S. José*, *Josépha Maria de Jesus*, *Joanna Maria da Conceição*, *Francisca de Santa Maria*, *Maria do Sacramento*, e *Ignéz de Santa Maria de Jesus*, o da cunhada *Maria Josepha de Nazareth*. O dote

E' ocioso e desnecessario encarecer o quanto é util e proveitoso á sociedade, que preza os bons costumes, e que tem como fundamento de toda a hõa moral, o temor de Deus, e os principios religiosos, este piissimo Estabelecimento; assim como deve servir de asylo á virtude, serve tambem de refugio seguro áquellas, que por vocação, ou por desamparo, querem evitar a miseria, e os laços do mundo, servindo a Deus na clausúra. Oxalá que em lugar da supressão, que se tem feito de alguns conventos de Freiras, fossem transformados antes em Estabelecimentos da natureza d'este!

Se o sitio onde se acha collocado o edificio não é dos mais convenientes, por ficar fóra da povoação, e por isso muito

de todas consistiu em 800\$000 réis em dinheiro, duzentos alqueires annuaes de pão, e uma leira lavradia no campo de Barrozellas, em Villa-Cóva, além do respectivo enxoval, que emportou em mais de 300\$000 réis.

exposto a qualquer insulto, em compensação é salubre, e aprazível.

O estatuto, que rege as recolhidas, é austero de mais, e por isso mais proprio de um convento de Freiras professoras, do que de um recolhimento, e casa de educação, cuja indole, e fins, difficilmente se casão ou harmonisão com a austeridade ascetica, que ali se observa, o que além de martyrisar as recolhidas, afugenta outras, que queirão entrar.

Tanto nos seus principios, como subsequentemente, foi sempre este pio Estabelecimento mui favorecido por varios devotos, sobre-sahindo a todos o piedoso pai dos desvalidos, e santo Varão, *Dom Frei Caetano Brandão*, Arcebispo de Braga, o *Arcebispo Dom Gaspar*, que deu rs. 550\$000, *Francisco Corrêa de Lacerda* donatario da Casa e Honra do Couto de Farelães, e mais recentemente umas charitativas senhoras, chamadas da Ordem, e que moravão em Casal do Nil; por

quanto só ellas metterão em differentes épocas sete meninas, duas das quaes ainda lá vivem, dotando para esse fim o Estabelecimento com dez mil cruzados.

No dia de Reis celebrão as Recolhidas com a maior pompa a festividade do seu orago, o Menino Jesus, cuja Imagem é a mesma, que mandou fazer, e venerava a fundadora preta *Victoria*.

Sustenta actualmente o Recolbimento entre novas e velhas recolhidas, 15 senhoras cujo dote n'outro tempo era de 600\$000 réis, hoje porém as que entrão apenas pagão a tença annual de 30\$000 rs., juro correspondente áquelle dote.

E' voz publica, que o patrimonio, o rendas d'este util Estabelecimento tem andado mal administrados; que se lhe devem avultadas quantias, e que tem sido vendidos alguns bens de raiz sem authorisação superior: e poderá fazel-o a *Regente*?

Não conviria que o governo nomeasse

uma commissão de pessoas probas e honestas, que administrasse o ramo economico do recolhimento?

No livro existente na camara, e que serviu no anno de 1752 a fl. 15, v. se vê, que sendo convocado o povo, não consentiu, que se dêsse ás *Beatas* 100\$000 réis do imposto do real d'agua; e no que serviu no anno de 1753 a fl. 60 v. em data de 27 de Dezembro existe o termo de victoria, em que se metten no convento das mesmas um annel d'agua.



VIII

Capella de Santa Maria Magdalena (vulgo) de S. José — Instrucção publica — Açougue publico — Nomes das ruas — Edificios particulares mais notaveis e — Grande incendio em 1852

A CAPELLA de *Santa Maria Magdalena*, conhecida hoje com o nome de *S. José*, por n'ella se ter estabelecido, ha muitos annos, a Irmandade dos *Carpinteiros*, cujo orago elle é, mostra ser antiquissima, e está sita no Campo do nome do mesmo Santo; apezar de pequena e bastante acabada tem um côro de sete Beneficiados, que com a maior decencia e pontualidade,

no que todos elles caprichão, n'elle rezaõ o Officio Divino de manhã e tarde.

Foi instituido esse Beneficio pelo Presbytero secular *Francisco Alves da Serra*, filho natural de Isabel, solteira, da freguezia de *Santa Maria de Gilmonde*, dando para esse fim, e para os encargos respectivos a quantia de doze mil cruzados, como consta da escriptura publica, lavrada na nota de *Balthazar de Faria*, em data de 7 de Janeiro de 1740.

Principiou a funcionar esse côro com assistencia pessoal do mesmo instituidor em 11 de Septembro de 1740.

Tem esta Villa apenas uma escola publica de primeiras letras para o sexo masculino, e outra para o feminino, havendo tambem uma de latim, a qual até 1823, se bem nos recordamos, era regida por um Frade do convento d'esta Villa, e no mesmo convento sita, bem como a de primeiras letras, que continuou até a extincção das ordens religiosas.

Ha apenas uma escola particular de primeiras lettras. Eis a quanto se acha reduzida a instrucção publica de uma Villa, cuja população juncta á de Barcellinhos anda por perto de 6:000 almas; havendo por consequencia falta de escolas, quer publicas, quer particulares, e mais ainda de bons professores.

Parece, que a aula de Latim n'esta Villa foi estabelecida em 1710, por quanto a fl. 35 do Livro, que na Camara serviu n'esse anno, consta ter sido convocado o povo, que consentiu na imposição de rs., 80\$000, para um mestre de Latim; e a fl. 76 v. do que serviu em 1711 se acha registada a nomeação do *Padre Francisco Lopes Marques* para mestre da dita lingua, bem como a fl. 26 do de 1740 o da nomeação do *Padre Simão Affonso Ribeiro* para a mesma cadeira.

Do livro, que na mesma Camara serviu no anno de 1632 a 1633, em data de 27 de Abril, existe o termo, em que

se assentou pedir aos Frades de *Santo Thyrso*, que mudassem para esta Villa uma das suas casas, podendo para esse fim servir-se de um principio de obras, que já havia, para convento de Freiras.

A fl. 118 v. do que serviu em 1719 e data de 23 de Junho consta, que a nobreza e povo consentirão que se dêsse doze mil cruzados, pagos pelo cabeção das sizas ao Geral dos *Loyos* para a fundação de um convento; e a fl. 43 do que serviu de 1720 até 1724 consta ter sido convocada a nobreza com o povo para consentirem no contracto feito com o Geral dos mesmos *Loyos* a respeito das aulas de *Latim e Philosophia*: porque não iria ávante esse contracto, pois não consta, que elle se effeituasse? E' o que não pudemos verificar.

No que serviu em 1722 a fl. 78 v, em data de 17 de Março, existe o termo, pelo qual consta ter-se feito um contracto com os Congregados do Porto para formarem um Hospicio; porque o não levarião a effeito?

Além do açougue publico, cujo edificio ainda existe com frente á rua do *Terreiro*, e entrada, para o interior do mesmo, na rua dos *Açougues*, á qual deu o nome, havia um outro dos *Clerigos*, situado em um barracão de madeira na rua da *Nogueira de Cima*, e durou até ainda ha poucos annos, desde que foi estabelecido em 1755, següendo consta de fl. 108 do livro, que na Camara serviu n'esse anno; por quanto em data de 9 de Agosto havia sido convocado o povo, que consentiu se defferisse ao requerimento do Prior, e irmandade sacerdotal, que pedião licença para ter um açougue propriamente seu.

Tem a Villa (intra-muros) as ruas do *Terreiro*, da *Igreja*, da *Misericordia*, dos *Açougues*, da *Cruz*, do *Mico* (nome moderno) n'outro tempo chamada de *Traz*, de *S. Francisco*, *Nova* (dos alanterneiros), do *Loureiro*, das *Flores*, dos *Carvalhos*, da *Cadêa*, das *Velhas*, *Direita*, e alguns beccos de pouca importancia;—

(extra-muros) a da *Fonte de Baixo*, a do *Poço*, a da *Nogueira de Baixo*, a da *Nogueira de Cima*, a da *Barreta*, a de *S. José*, a das *Latus*, a do *Soalheiro*, a de *S. Vicente*, a das *Capellas*, a dos *Ferreiros*, a da *Palha*, a da *Calçada*, a da *Estrada*, a *Nova de S. Bento*, e a da *Pedra do Couto*.

A *Nova*, (dos alanterneiros) foi n'outro tempo habitada só por Judeus; havendo em cada um dos extremos, uma cancella, que era fechada com chave ao pôr do sol, e aberta ao amanhecer.

Pousando El-Rei *D. João II*, em casa do *Morgado de Aborim*, concedeu-lhe entre varios privilegios a mercê de perceber de cada Judeu, que nascesse, um marco de prata que valia de 5\$000 a 6\$000 e tantos réis; e bem assim, que quando o referido morgado viesse a esta Villa os Judeus seriam obrigados não só a lhe dar hospedagem, como tambem a alcatifar, e formar tres arcos na rua Nova, quando elle ali passasse!

Pobres 'Judeus! Além da maldição, que sobre elles pesa, e que os traz dispersos pelo mundo sem rei, nem patria, a que vexames, e extorções não estavam expostos n'aquelles tempos! !

Ha na Villa muitos e bons edificios particulares, e sobre-sahem a todos na elegante architectura, os dos srs.: — Barão da Retorta, no cimo da rua das *Velhas*; Manuel Lopes d'Albuquerque, na rua de *S. José*, Mattos & Irmãos, e Miranda, na *Calçada*; e igualmente os dos herdeiros dos srs.: — João de Mattos, no *Bomfim*; Paulo de Bessa, no *Campo dos Touros*; Antonio Simões, na rua *Nova*; José Simões, na da *Nogueira* e outros variados.

Foi este ultimo, que serviu de Paço a Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria II, de saudosa memoria, e mais Pessoas Reaes, quando em Maio de 1852 honrarão com suas Augustas presenças esta Villa. Foi devorado n'essa occasião por um pavoroso incendio, occasionado por

descuido dos cosinheiros do Paço, e pelo qual só se deu ás dez horas da noite, salvando-se precipitadamente, e como por milagre as Pessoas Reaes, que forão ficar o resto do tempo, que aqui se demorarão na casa do sr. Barão da Retorta, onde residia o sr. Duque da Tereira.

A casa incendiada foi mandada reedificar por Sua Magestade; isso não obstante não compensou o prejuizo, que os donos soffrerão; porque tendo deixado nos altos do edificio bahús com roupas e preciosidades, tudo foi devorado pelas chamas.

Por não termos á mão os jornaes d'essa época, deixamos de descrever não só esse pavoroso incendio, como os rasgos de heroicidade e impavidez, que n'essa lamentavel occorrença se derão para salvar o Principe Real e extinguir o incendio, &c. E, se alguém se prevaleceu do sinistro para subtrair alguns objectos, tem os Barcelenses a gloria de que não foi conterraneo

seu . . . ; por quanto a sua fidelidade igualou o zelo e dedicação, proverbiaes com que se houverão n'essa desgraça, e com que se costumão haver em casos identicos, nos quaes todos á porfia, e sem distincção de pessoas, sê apressão a prestar serviços.



XI

Origem e curso do rio Cávado —A ponte—Descrição de Bar- cellinhos e suas Ermidas—Pa- tíbulo permanente—O monu- mento do Senhor do Gallo

NASCE o Cavado nas serranias do Ge-
rez, que jazem a pouco mais de sete le-
guas d'esta Villa, sendo por essa razão mui
curta a sua carreira, e diminuto o numero
de seus tributarios: no inverno alimentado
pelas enormissimas massas de neve, e pe-
las aguas dos montes, é caudalosissimo, e
a sua corrente tão excessivamente violenta,
que talvez exceda nove milhas por hora;
no verão porém é tão pobre, que ha lú-

gares, onde é vadeado, dando a agua pouco acima do tornozelo, e noutros ha pegos profundissimos; por todas essas causas só pôde ser navegado por pequenos barcos sem quilha, isto é, com fundo de prato.

Existe n'este rio uma raridade curiosa. A meia distancia entre a ponte e o açudo de *Mareesses*, mesmo no leito do rio, ha um enorme penedo, onde pela margem esquerda se chega a pé enxuto nos mezes de Julho, Agosto e Setembro, ficando todo o mais tempo coberto pelo rio: da raiz d'esse penedo, alguns palmos acima do nivel do rio nos referidos mezes, mana uma fonte d'agua sulphurea, mui medicinal e util em certas molestias cutaneas, a qual perdendo-se no areal, deixa por onde passa sedimento e fezes de enxofre.

No principio do seculo actual tentou-se o seu encanamento, havendo ainda no lugar de *Mareesses*, logo abaixo do açude, no leito do rio, proximo á margem direita alguma cantaria assente para esse fim, e na

margem esquerda muita pedra lavrada, que pouco a pouco tem desapparecido. . . Ultimamente tentou o governo de novo essa util empreza, e n'ella se gastarão avultadas sommas, debalde porém; ou porque o rio se não preste a esse melhoramento, ou pela impericia do engenheiro, o que é mais provavel: como ephemero monumento dos seus serviços, só existem em certos lugares alguns paus sineados, com marcas, que mostram a altura das enchentes, e junto de um dos arcos da ponte um sarrafo com a escala, para se conhecer os palmos a que n'esse lugar sobe no inverno a agua!

Ha no rio em lugares diversos, e para isso apropriados, açudes com azenhas, engenhos de pescaria, e de gramar linho, sendo as moendas uma providencia indispensavel; porque seccando no verão, quasi totalmente, todos os ribeiros, e arroios, onde ha moinhos, se não fossem essas azenhas dos açudes, o que seria d'estes Po-

vôs? Terião de mandar moer suas fornadas ou ao *Neiva*, ou ao *Ave*, que distam dez ou mais kilometros d'esta Villa! E serião as moendas, que n'esses dois rios ha ,sufficientes para dar vazão a quantos a ellas recorressem, se infelizmente se desse essa emergencia verdadeiramente calamitosa? De nenhum modo.

Na margem esquerda do Cávado está a freguezia de Barcellinhos (será diminutivo de Barcellos?) que occupa todo o litoral acima do açude de Santo Antonio até pouco abaixo do ribeiro de *Médros* e fronteira á Villa, de que é arrabalde, e parte integrante a sua povoação, separada d'ella apenas pelo rio, mas ligada por uma alta e formosa ponte de cantaria, com 412 palmos de extensão e 18 de largura, formada sobre 3 arcos de volta inteira, 2 dos quaes são muito largos e altos, por ficarem no alveo do rio.

Foi edificada esta soberba ponte nos fins do seculo XV, a expensas da Casa de

Bragança, e apesar das grandes sommas, em que importou, e de não ser feita á custa do povo, bem pouco tempo se pagou portagem; circumstancia essa, que é tanto mais para admirar, quanto é intoleravel, e escandaloso, que sendo a maior parte das pontes, e todas as estradas feitas á custa do publico, que ainda pague annualmente uma contribuição especialmente para as mesmas, e suas reparações, hoje se cobre portagem em muitas, feitas á custa d'elle; facto esse, que só se dá n'esta Provincia, e que sobre-modo es candaliza, por ser uma excepção odiosa!

Só duas vezes consta, que ficasse interrompida a passagem d'esta ponte; a 1.^o — quando no terramoto do 1.^o de Novembro de 1733 sobre a ponta, que prende á margem direita, desabou a grande torre, que lhe ficava a cavalleiro, do Palacio des Duques de Bragança, e arruinou até ao primeiro arco ou pouco mais; e a 2.^o — em Fevereiro de 1827, quando aqui esteve

alguma tropa do Silveira [*Marquez de Chaves*] que temendo ser atacada, a cortou no primeiro arco da margem esquerda.

Em Barcellinhos, junto da ponte, á direita entrando n'ella, está a capella de *Nossa Senhora da Ponte*, á qual *Frei Pedro de Poyares* chama das *Neves*: ainda que bastante pequena esta Ermida, é mui vistosa e elegante a sua figura, por ser o tecto, que a cobre, em forma de piramide conica quadrangular, e as telhas vidradas; tem em volta um largo alpendre, em forma de varanda, e que assenta em colúmnas de pedra.

Em frente ha um carvalho, cujo tronco na raiz é cercado por um quadrado de cantaria em forma de degrau, que lhe serve de plata-forma. Tendo perecido o que desde tempos immemoriaes, ali existia, mandou a Camara plantar em 1827, se bem nos lembramos, o que actualmente existe, que está frondoso e copado, apesar do pouco cuidado, que ha, em consentir, que de-

baixo d'elle fação lume, cujo fumo o póde seccar.

Tanto este carvalho, como a Ermida, e ponte fazem parte, como já dissemos das armas da Villa.

Em 1684 mandou Sua Magestade dar de esmola, do dinheiro do Almoxarifado, 30\$000 réis a Nossa Senhora da Ponte, como consta da provisão registada em Fevereiro d'esse anno, a-fl. 46 do livro respectivo da Camara Municipal. Hoje tem a irmandade um bom patrimonio.

Além d'esta Ermida há ainda em Barcelinhos a capella de *S. João*, em *Médros*, a de *S. Miguel o Anjo* (*) no lugar do mesmo

(*) A capella de *S. Miguel o Anjo* era sita no lugar do areal de cima, junto á quinta, que foi de «*André Leitão Salgado*,» e d'ahi foi removida haverá cerca de oitenta annos para o fim da rua da Esperança, onde hoje se acha, chamando-se por isso o lugar, onde está a forca, Monte de *S. Miguel*, e com a mesma denominação alguns prazos, que nas immediações ha, e que erão fofreiros á commenda de «*Chavão*».

nome a de *S. Braz*, no de *Lavandeiras*, e a de *Santo Antonio* no de *Vessadas*, a qual tendo existido na frente da casa da quinta do mesmo nome foi demolida ha poucos annos, e reedificada com forma mais elegante, no lugar onde hoje se acha, na frente da estrada, que segue para Braga o Famalicão, á esquerda sahindo da Villa.

Transcreveremos da—*Nobiliarchia Portugueza*, — por *Sampaio*, o que n'ella se diz a respeito da fundação d'esta capella; é o seguinte:

«João Paes o Velho, senhor da quinta de Santo Antonio junto a Barcellos, portuguez valoroso e esforçado, e militou em Africa alguns annos, e assi na paz, como na guerra, mostrou em varias occasiões sua valentia. Por seus serviços teve de mercê o Reguengo da Varzea, as Azenhas da Ponte de Barcellos, doações e privilegios honrados para sua casa, que a negligencia de seus successores deixou perder. Este foi, que mandou fazer a capella de

Santo Antonio, de que derivou o nome á quinta, voto, que fez ao Santo, se lhe apparecesse um cavallo, que havia perdido, e logo foi achado, pascendo em um prado, junto do rio Cávado. Faltou n'esta casa o morgado, que é o esteio, e o arrimo das familias, e das nobrezas, e como constava de bens livres, passou por varios caminhos a estranhos, que hoje a possuem.»

Houve n'outro tempo tambem a Ermida de *S. Sebastião*, que foi demolida, e consta existira no local, onde hoje se acha a Igreja Parochial, consagrada a Santo André, que antigamente se chamou de *Marés-ses*, por ser sita no lugar do mesmo nome.

Até pouco depois de 1834 foi a freguezia de Barcellinhos Vigaria de apresentação do Cabido da Collegiada, que pagava 30\$000 réis annuaes, ao Vigario, que a parochiava; hoje é Reitoria independente do Cabido.

Ha em Barcellinhos duas fontes, uma bastante maltratada, e cuja agua é muito

pesada, junto ao ribeiro de Santo Antonio; outra mais elegante, e aprasivel no sitio de *Ninães*, sendo tão leve e afamada a sua agua, que, segundo diz *Frei Pedro de Poyares*, o Arcebispo de Braga *D. Sebastião de Matos* a mandava buscar para beber em Braga, onde residia. Perdoe-nos a sua memoria, tinha bom gosto, mas era o supra summum dos exquisitos, por mandar buscar agua a tres leguas de distancia! Tem um lindo chafariz no centro da povoação no largo, onde se cruzão a rua Direita, e a que vai para a *Boa Vista*, com a dos *Penedos*, e a da *Esperança*.

E' uma obra perfeita e elegante, concluida em 1838 pela Camara Municipal, que, fazendo demolir o que existia em uma cova, no lugar mais acima junto do lugar chamado o *Mentilhão*, mandou terraplenar e cercar de grosso paredão, todo esse terreno, e construir o chafariz e tanque no largo, onde dissemos.

Tem Barcellinhos mais de mil habitan-

tes; alguns bons edificios; as ruas chamadas de *Baixo*, *Direita* bastante ladeirenta, e larga, dos *Penedos*, da *Esperança*, e *Boa Vista*, que é como prolongamento da *Direita*: tem tres lojas de fazendas, sete de mercearia, uma boa estalagem, e varias tabernas.

Apesar de ser um bairro da Villa os costumes da maior parte dos seus habitantes, tem seus resabios d'aldeia, comtudo o seu caracter e lhano, hospitaleiro, servical, & & &, como o dos da Villa.

Havia em Barcellos permanentemente levantada uma forca, o que não nos consta, que succedessè senão em Lisboa, e no Porto. Era em Barcellinhos no monte de S. *Miguel o Anjo*, conhecido hoje pelo lugar do *Senhor do Gallô*, que crão justicados os criminosos. Ainda lá existe em pé, dentro de uma bouça de matto tapada, a forca de pedra de cantaria com sua plataforma, que, no lugar da antiga, a camara mandou fazer, como consta do termo de

arrematação d'essa obra, lançada a fl. 17 v. do livro, que serviu em 1712, e data de 26 de Janeiro.

Distante d'esse patibulo cerca de oitenta e tantos passos, mas em frente d'elle, e na ourela esquerda da antiga estrada, que da Villa segue para o Porto, existe um antiquissimo monumento de pedra, que deu o nome de *Senhor do Gallo* a esse lugar, e memóra, segundo a tradicção, o milagre de ter sido livre do patibulo por S. Thiago um gallego innocentemente condemnado à forca, ficando bamba a corda, que lhe servia de laço, e elle suspenso no ar, como se alguém o sustivesse, ou lhe ficasse sottoposto: a isso alludem algumas das figuras lavradas no monumento, cuja descripção minuciosa e fiel é a seguinte:

Consta elle de um quadrado de cantaria de pedra grosseira em fórmula de dois degráus, dos quaes o da base tem 1,^m65 para cada lado, e de 0,22 de altura; o segundo 1,^m21 de comprimento para cada

lado, e a mesma altura, que o outro : no centro tem um pedestal com 0,66 para cada lado, e d'altura 0,33.

Está engastada a prumo n'este pedestal (mas bastante inclinada, e em risco de cair) uma pedra de 1,^m54 de altura, de largura 0,59, e de grossura 0,22. Na face, que está virada ao Sueste tem lavrada em relevo a figura de um homem pendente de uma corda bamba, amarrada ao pescoço, e por baixo outra figura com a cabeça, e com a mão esquerda na attitude de soste as plantas dos pés do homem, que pende do laço, e tendo na mão direita um bordão com uma cabaça, pelo que denota ser S. Thiago. Na face opposta, isto é, na que olha para o Nordeste, tem em cima n'um canto a figura do sol, e no outro a da lua ; occupa o centro uma figura, que parece ser Nossa Senhora, e por baixo outrá, que se assemelha á de S. Bento, por ter na mão direita um cajado, e na esquerda um livro aberto. Em cima d'essa

grande pedra assenta uma cruz com sua peanha, tudo de uma só pedra com 1,^m42 de altura : de ambos os lados tem a cruz a Imagem de Christo crucificado, e na peanha na face do Sudueste, logo abaixo dos pés do Senhor, e acima da cabeça do justificado, a figura de um gallo, virado para o lado da forca, que d'ali se vê e dista cerca de oitenta e tantos passos; e na face do Nordeste, igualmente logo abaixo dos pés do Senhor a de um dragão mui tosco.

Se bem que todas as figuras sejam muito toscas, e grosseiramente feitas, o que além da impericia, mostra muita antiguidade, comtudo devia ter custado bastante dinheiro esse monumento, não sendo por isso de crêr que fosse erecto para outro fim senão para memorar o facto, que a tradição confirma, com mais ou menos versões, como de ter cantado um gallo assado & &., como prova da innocencia do réo.

Não havendo, que nos conste, nada

escripto a tal respeito, deixamos de referir o facto com os episodios, que andão na bocca do vulgo.

Em eras mais remotas existiu a forca além do bairro, onde está sito o recolhimento do Menino Deus, chamando-se ainda a esse sitio a=*Forca velha.*=

Não ha muitos annos, que ainda lá existia um pilar do patibulo. Mudar-se-ia d'ahi a forca para o monte de *S. Miguel*, junto á estrada do Porto, por ser mais frequentada, e patente esse sitio do que aquelle outro?



X

Ermida da Senhora da Franqueira — Castello de Faria — Convento da Franqueira

TENDO d'este modo concluido a noticia descriptiva d'esta nobre e antiga Villa, não sem um grande trabalho, superior ás nossas forças, por pouco ou quasi nada se achar escripto a tal respeito nos auctores, que compulsamos e que nos servirão de guia, não parecerá fóra de proposito, que como complemento aqui dêmos noticia da ermida de Nossa Senhora, do Convento

da Franqueira, e do celebre Castello de Faria.

Ao sudueste da Villa, na distancia pouco mais ou menos de tres kilometros fica o monte da Franqueira, distante do Oceano cerca de dez kilometros, e um dos mais altos dos que circumdão de longe a Villa.

Nó cume d'elle existe a ermida de Nossa Senhora da *Franqueira*, de cujo adro a vista, percorrendo o longo e delicioso valle, que se estende para as fraldas do *Geréz*, e terras de *Bouro* até ás praias do Oceano, se vai perder na immensa vastidão d'este : d'elle se avista o *Bom Jesus* de Braga, quasi toda a Villa de Barcellos, o Cávado em diversos lugares desde Areas de Villar até a sua foz, Espozende, Fão, a linda povoação na praia da Apulia, o lindo mosteiro das *Necessidades*, os navios que bordejão agra aberta com a barra do Porto; é formoso, e encantador o panorama, que d'ahi se patentea.

Attribue-se a primeira fundação d'esta

capella, diz o auctor da *Chronica da Provincia da Soledade*, ao grande *Egas Moniz*, aio do 1.º Rei de Portugal D. Affonso Henriques, sendo de crêr, que assim seria, quando o dito Principe assistia no Castello de Faria, sendo ainda Infante. Por se verem as armas dos Pinheiros no corpo da igreja attribue-se a sua fabrica a *D. Diogo Pinheiro*, Bispo do Funchal, primeiro commendatario do mosteiro de S. Simão da Junqueira, e Prior de S. Salvador de Peireiró, e é hoje vigararia; e outros pela mesma razão a *D. Rodrigo Pinheiro*, Bispo do Porto, quer um, quer outro descendente de *Tristão Gomes Pinheiro*, de quem por vezes fallamos n'esta noticia.

O frontispicio foi feito ha pouco mais de cem annos com a competente torre dos sinos á custa de um brazileiro, que deu ao Sanctuario o sino grande, como consta do letreiro, que n'elle se vê.

Já no anno de 1413 era muito celebre este Sanctuario; por quanto conquistando

n'esse anno El-Rei D. João I a cidade de Ceuta em Africa, e achando-se com elle seu filho natural D. Affonso, conde de Barcellos, e primeiro duque de Bragança, fez este trazer para a dita ermida da Franqueira, como tropheo da victoria, e memoria do favor, que a Senhora lhe fizera na occasião, em que se viu em grande aperto com os Mouros, uma mesa de finissimo jaspe, que ainda lá existe, em que comia *Collubencayla*, senhor de Ceuta, o que, segundo o mesmo auctor, consta de um livro antigo pertencente á Senhora, e diz :

«—Este Duque D. Affonso, filho bastardo d'El-Rei D. João I, foi na tomada de Ceuta, e no despojo mandou arrancar quinhentas columnas, de marmore dos paços de Collubencayla, e trouxe de lá uma mesa de marmore [*alias jaspe*] muito fino, onde o dito Collubencayla comia, e a mandou pôr em uma Igreja de Barcellos no altar de Santa Maria da Franqueira, ermida de grande romagem. E o conde de Benavente,

(x) Çalá-ben-Çalá

o velho, pai do que era no anno de 1525 dava a D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal, Primaz das Indias, e Prior de S. Salvador de Pereiró, um Pontifical de bordado rico, porque lh'a dêsse, e elle mandou dizer, que lh'a não daria pelo seu Condado.

A pedra da mesa, continúa o mesmo auctor, é de finissimo jaspe ledo de uma côr, não muito branco, mas resplandecente; tem 1,^m34 de comprido, 0,77 de largo, e de grossura 0,2. Serve de ara ao altar-mór, e está firmada em tres columnas do mesmo jaspe redondas, e delgadas á proporção da mesa; suppõe-se, que terá outras tres pela parte ulterior, o que se não pôde ver sem desfazer o altar.

A Imagem da Senhora é a que está no altar lateral da parte do Evangelho.

Quando ha falta de chuva, quando esta é continuada e excessiva, ou por occasião de alguma calamidade publica, costumão os povos na sua afflicção, recorrer ao seu

patrocínio, ir buscal-a em procissão, e expol-a á veneração dos fieis da igreja parochial de Barcellinhos.

Em um cabeço do mesmo monte da Franqueira mais obra da natureza, do que da arte, e que lhe fica ao norte em distancia de tiro de mosquete, e muito inferior na altura ao cume, onde se acha a Ermida, existiu o afamado castello de Faria, do qual ainda se veem vestigios, cujas ruinas forão aproveitadas para o convento de Frades da Soledade, que ali foi edificado como depois diremos.

Foi este castello uma fortaleza tão inexpugnavel para as armas d'aquelles tempos, e tão antiga, que quando por fallecimento do conde D. Henrique, se apossou das terras de Portugal o conde de Transtamar, o Infante D. Affonso Henriques depois nosso 1.º Rei, ganhou os castellos do Neiva, e Faria, e d'este começou a recuperar com as armas as terras que havia perdido. N'este mesmo castello residia o Infante, quando

deu o privilegio de couto ao mosteiro de frades Benedictinos de *Manhente*.

No tempo d'El-Rei *D. Fernando*, estando o nosso reino em guerra aberta com o de Castella, entrou com poderoso exercito por entre Douro e Minho, o adiantado de Galliza *Pedro Rodrigues Sarmiento*, e chegou a marchas forçadas á Villa de Barcellos: para pelear com elle se reuniram muitos fidalgões d'aquella provincia, com a gente, que poderam ajuntar; mas foram vencidos. Era n'esse tempo alcaide e governador do castello de Faria *Nuno Gonçalves de Faria*, o qual deixando-o entregue a seu filho *Gonçalo Nunes de Faria*, saiu ao campo com a gente de Barcellos em tão infeliz occasião, que já os Castellhanos estavam vencedores, e carregando sobre *Nuno Gonçalves*, o vencerão, e prisionarão carregando-o de ferros.

Vendo-se assim preso, disse aos Castellhanos, que o levassem junto do castello para ordenar e persuadir ao filho, que o

entregasse: assim o fizeram; elle porém chamando o filho, lhe disse: — *Bem sabes, filho, como este castello me foi dado por El-Rei D. Fernando, e d'elle lhe dei preito, e homenagem; mas por minha desventura sai hoje d'elle, cuidando, que n'isso o servia.*

Meus inimigos me trazem aqui, para que te diga, que lh'o entregues; mas porque eu não posso fazer isto, guardando a lealdade, que devo, por tanto te mando, sob pena da minha maldição, o não entregues a pessoa alguma, senão a El-Rei meu Senhor, ou a quem Sua Alteza por seu certo recado o mandar. Ouvindo isto os Castellianos, ali mesmo na presença do filho, cobarde e infamemente matarão, e despedaçarão Nuno Gonçalves de Faria; e acommettendo dias depois o castello, tão valorosamente o defendeu Gonçalo Nunes de Faria, tão obstinada resistencia encontrão, que sendo sempre repellidos, se retirarão vergonhosamente, desistindo da empreza.

Este digno filho de tão heroico e fiel pai, sendo depois senhor d'Azurar, Mindello e Fão, por mercê de D. João I, ordenou-se e foi abbade de *Santa Eulalia de Rio-Côvo*, deixando a casa, que herdara de seu pai a seu irmão *Alvaro de Faria*.

Esboçado assim um dos mais gloriosos feitos da nossa historia, não parecerá fóra de proposito transerever aqui o que sobre tão heroico assumpto diz *Duarte Nunes de Leão*, na sua — Chronica do Reinado de El-Rei D. Fernando.

«Entretanto, que Lisboa estava cercada, entrou entre Douro e Minho Pero Rodrigues Sarmiento, Adiantado de Galiziza, e João Rodrigues de Viedma, e outros fidalgos d'aquella provincia, e chegaram, correndo a terra, até Barcellos. «E para pelear com elles se ajuntaram muitos dos Portuguezes, como foi D. Henrique Manuel, conde de Sêa, tio d'El-Rei, e irmão da Rainha de Castella, D. Fer-

«quando, João Lourenço Bubal, Fernão
«Gonçalves de Meira, Nuno Viegas, o ve-
«lho, e outros fidalgos, e os concelhos do
«Porto e Guimarães. Os fidalgos castelha-
«nos determinaram de os esperar, e lançar
«chuã grossa cilada em hum lugar escuzo,
«e começada a peleja levarão os Portugue-
«zes a melhoria. Mas sabindo João Rodri-
«gues de Viedma da cilada em que jazia,
«com grande ruído, por serem muitos, co-
«meçou logo de fugir hum escondeiro, que
«trazia a bandeira do conde D. Henrique,
«e outros começaram a bradar: Vai-se a
«bandeira. D. Henrique lhes disse, que
«não curassem da bandeira, que era hum
«pedaço de panno, que se hia, mas curas-
«sem do seu corpo, que ali estava, em
«que devião ter mais esforço, do que na
«bandeira, e trabalhassem por vencer.
«Então pelejaram até que foram vencidos,
«e desbaratados. Nuno Gonçalves, que ti-
«nha o castello de Faria, quando viu hir
«Portuguezes para esta peleja, sahio da

«Villa com alguns dos que tinha, cuidando
«dar de subito nos inimigos, e que huns
«de huã parte, e outros da outra os co-
«lhessem no meio. Os castelhanos, que ti-
«nham já vencidos, e desbaratados os pri-
«meiros, voltaram sobre Nuno Gonçalves,
«e foi vencido, e prezo, e ali morreu João
«Affonso Bubal, e foram prezos Nuno Ve-
«lho, e Estevão Gonçalves de Meira, e o
«conde D. Henrique Manuel fugiu para
«Ponte do Lima. Dos homens d'armas, e
«de pé foram prezos até cento, e alguns
«cidadãos do Porto: dos quaes foi hum Do-
«mingos Pires das Eiras, cidadão princi-
«pal. O qual deu por si, de resgate, dez
«mil francos de ouro. E assim honveram
«os Castelhanos muito dinheiro de resgate
«de outros cavalheiros.

«Nuno Gonçalves, na prizão em que es-
«tava, nenhum cuidado tinha maior que o
«do castello de Faria, que lhe El-Rei en-
«tregára, e elle deixára encommendado a
«hum seu filho, e cuidava aquillo, que po-

«dia acontecer, que era, levarem-no até o
«muro, e dando-lhe algum tormento, ou
«ameaçando-o, que o filho vendo-o, have-
«ria piedade, e se moveria a lhes dar o
«castello. [E porque não tinha maneira
«para o sustentar, disse a Pedro Rodri-
«gues Sarmiento, que o mandasse levar
«ao castello, e que elle diria a seu filho,
«que n'elle ficava, que o entregasse. Pero
«Rodrigues, que disto foi mui ledo, man-
«dou que o levassem logo. Chegando Nuno
«Gonçalves ao pé do muro, chamou por o
«filho, o qual veio á pressa, e elle em vez
«de lhe mandar, que dêsse o castello áquel-
«les, que o levavão, disse ao filho, que bem
«sabia, como aquelle castello lhe fora dado
«por El-Rei D. Fernando, que o tivesse por
«elle, e lhe fizera por elle homenagem, e
«que, por sua desventura sahira d'elle cui-
«dando que n'isso servia a El-Rei. E ora
«estava prezo em poder de seus inimigos,
«os quaes o trazião allí para mandar a elle
«seu filho, que lhes entregasse o castello.

«E porque isto era cousa, que elle seu Pai
«fazer não podia, nem devia, guardando
«sua lealdade; por tanto lhe mandava, sob
«pena de sua benção, que o não fizesse,
«nem o dêsse a nenhuã pessoa, senão a
«El-Rei seu senhor, ou aquem sua Alteza
«lh'o mandasse por seu certo recado—. Os
«que o levavam preso, quando lhe aquillo
«ouviram, ficaram espantados d'aquella
«sua falla. E tendo-se por escárnecidos, em
«prezença de seu filho, mataram aquello
«hom varão, de mui crueis feridas, que na
«fé, no esforço, e na constancia se pôde
«egualar a Attilio Regulo, que quiz perder
«a liberdade e a vida por persuadir aos
«seus, que não entregassem os Cartagine-
«zes captivos. Mas nem por isso os Cas-
«telhanos houverão aquella fortaleza. E por
«que aquella terra era mui desamparada,
«não podião todos caber no castello, e al-
«guns se acolhiam entre o muro e a barbacã
«em choças cobertas de colmo, que allí fi-
«zeram. E ventando um dia vento soão,

«tom ou hum d'aquelles, que estavam fóra,
«hum colmeiro accezo, posto em huã lança,
«e deitou-o em cima das choças, e come-
«çaram a arder. Os do castello muito ano-
«jados pela morte de Nuno Gonçalves, que
«lhe assim viram dar, não tiveram tento
«no fogo, que deitaram, estando muito es-
«spantados das palavras, que dissera ao
«filho. O fogo era tão grande por causa do
«vento, que se não pôde remediar, e arde-
«ram todas as choças, comquanto n'ellas
«havia, e muita gente com ellas. O filho
«de Nuno Gonçalves manteve o castello,
«como seu pai mandou. Ao qual, porque
«elegu o estado sacerdotal, deu El-Rei D.
«Fernando hum mui opulento beneficio.»

N'uma planura, que fica a *Leste* do si-
tio, onde foi o castello de Faria, e ao *Norte*
do mais ingreme da subida para o cume da
montanha da Franqueira, existe o convento
dos extinctos frades de S. Francisco da Pro-
vincia da *Soledade*. E' o sitio um verda-
deiro ermo, mui aprasivel porém, pela for-

mosa vista, que d'ahi se gosa, pelo muito arvoredo, que ainda tem, pela terra arroteada, e abundante agua, que a fertiliza.

Servirão de nucleo ao convento, ou antes forão fundadores de um eremiterio, que aí houve, *Vicente, o Pobre*, e sua mulher *Catharina Affonso*, que em 1429 para aí vierão da cidade do Porto, d'onde eram naturaes, e moradores abastados, com a intenção de fazerem vida eremitica, o que levaram a effeito, fundando uma pobre casa terrea, e uma ermida com o titulo de *Bom Jesus* no sitio, onde dentro da cerca existe uma pequena capella de S. Francisco, perto da fonte, que ali ficou para memoria do primeiro lugar onde esteve o convento: em 1476 ainda era vivo *Vicente, o Pobre*; tanto elle como sua mulher forão sepultados na ermida por elles fundada, como consta da lapelle, que ali existia, e hoje está fóra da porta da igreja do convento, para onde foi trasladada, quando para o sitio, onde se acha, foi mudado.

Em 1505 vierão para aquelle lugar os primeiros padres, que o auctor da—Chronica da Provincia da Soledade—chama *Claustraes* [?], e aí se estabelecerão, sendo depois, por instancias do duque de Bragança *D. Jayme*, dado aos padres primitivos da *Soledade* esse estabelecimento por *Fr. João de Chaves*, provincial do claustro. Em 1563 *D. Henrique de Sousa*, ultimo commendatario do Mosteiro de *Rendufe*, reedificou o convento no sitio, onde hoje se vê, distante do primeiro, cujas paredes erão de taipa, um largo tiro de mosque, empregando-se na sua fabrica toda a pedra do castello de Faria.

Junto á porta do côro havia uma Imagem de Christo Crucificado, e de tamanho regular, feita de cortiça virgem, muito fechada, e bem incarnada.

A igreja é pequena, mas muito perfeita e airosa, e n'ella veneram, ha alguns annos varios devotos d'esta Villa a veneravel Imagem do *Senhor da Fonte da Vida*,

havendo por occasião da sua festividade, atraial, fogos d'artificio, e procissão.

Tem este convento dilatada e espaçosa cerca, com pomar, terras de lavoura, e grandes mattas de castanheiros, carvalhos, sobreiros, pinheiros &.

Até 1749 dava a Serenissima Casa de Bragança pelo Almojarifado de Barcellos 25\$000 réis de esmola annual ao convento, e d'essa data em diante 40\$000 réis annuaes.

D'esde a fralda da montanha, que começa na freguezia de *S. Paio do Carvalho*, até ao convento ha uma calçada de pedra, e collocadas em conveniente distancia umas das outras, pequenas capellas com os Passos do Redemptor.

Com a extineção das ordens regulares em 1834, foi arrematado este magnifico convento com a cerca respectiva pela quantia, segundo nos informão de 800\$000 rs.!!

Assim deixamos terminada a noticia, que emprendemos dar da antiga e illus-

tre Villa de Barcellos, onde tivemos a ventura de nascer: ingenuamente confessamos, que reconhecemos a imperfeição do nosso trabalho pela deficiencia tanto de habilitações pessoas, como de dados estatísticos e de documentos, que nos servissem de pharol e guia na ardua tarefa, que o' nosso amor patrio nos suggeriu.

Tomaremos como um grande galardão do trabalho, que tivemos, se o nosso tosco escripto provocar pennas mais habeis a escrever sobre o mesmo assumpto; por quanto dizemos com o grande Ferreira :

«Eu d'esta gloria só fico contente,
«Que a minha terra ame, e a minha gente.»

FIM.



INDICE

I

- Etymologia do nome «Barcellos» antiguidade d'esta Villa, situação topographica, população e caracter de seus habitantes e grandeza de seu antigo e actual termo. 1

II

- Homens notaveis oriundos de Barcellos, Cabido da Collegiada e descripção d'esta, Palacio dos duques de Bragança, Paços do Concelho, paredão e passeio das obras no Campo da Feira, antigas praças do mercado e nova praça do mercado. . . . 11

III

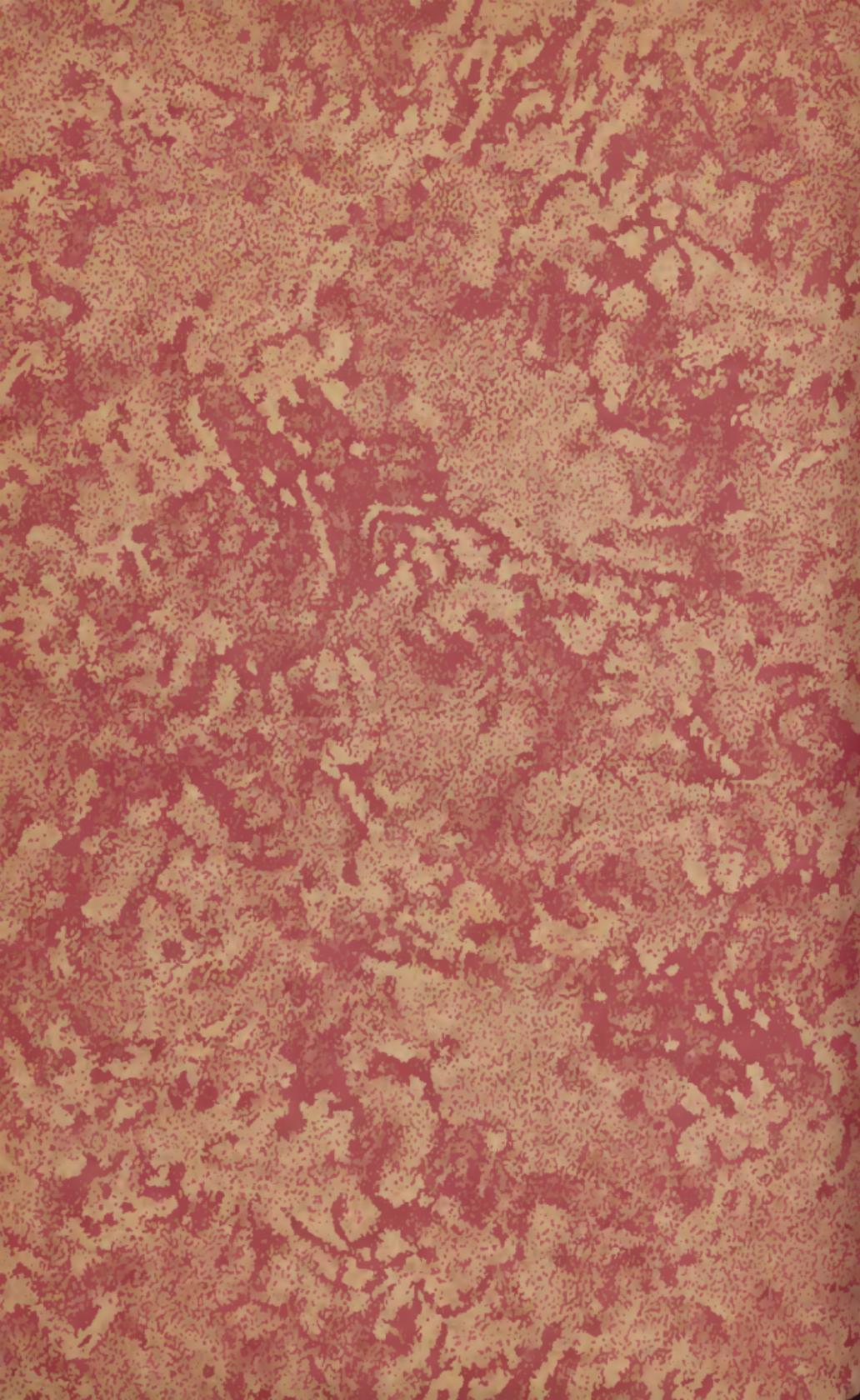
- Cadeia publica, chafarizes e fontes, praças, rocios e campos. 23

IV

- Igrejas e capellas, conventos dos extinctos frades Franciscanos, (hoje) Hospital da Misericordia. 31

V	
Convento e igreja das Freiras.....	48
VI	
Igreja do Senhor da Cruze e appare- cimento das Cruzes.	57
VII	
Igreja e recolhimento do Menino Deus.....	81
VIII	
Capella de Santa Maria Magdalena (vulgo) de S. José, Instrucção pu- blica, Açougue publico, nomes das ruas, edificios particulares mais no- taveis e grande incendio em 1852..	93
IX	
Origem e curso do rio Cavado, a ponte, descripção de Barcellinhos e suas ermidas, patibulo permanente, o monumento do Senhor do Gallo..	102
X	
Ermida da Senhora da Franqueira, castello de Faria, convento da Fran- queira.	117







biblioteca
municipal
barcelos



6357

Noticia descriptiva da moute
nobre e antiga villa